

NOVAS DA GALIZA

— I PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA I —



"É necessário fomentarmos o conhecimento mútuo; na nossa posição periférica, acho que só mesmo juntos é que poderemos avançar"

Paulo Ruben Reis, membro da ATTAC, entidade organizadora da Semana da Galiza em Braga

PÁGINA 15



Momento das Jornadas da Galiza organizadas em Lisboa

A Galiza começa a caminhar novamente em Portugal

Diversas iniciativas levam a pensar que a Galiza poderá interessar mais do que se pensava no país irmão

Enquanto na Galiza o reintegracionismo está a conseguir romper discretamente o silêncio mediático imposto por duas décadas de administração Fraga, com a irregular difusão de iniciativas normalizadoras nos meios públicos, um outro campo imenso parece estar-se a abrir do outro lado da raia para este movimento. Nada comparável ainda ao relacionamento que existiu entre a intelectualidade galego-portuguesa em etapas pretéritas da nossa história, nomeadamente aquela que o golpe fascista de 1936 quebrou violentamente, mas digna de menção. A prova é o interesse que estão a despertar nos media de maior audiência do país irmão certas iniciativas cívicas que na Galiza mal saem dos meios de comunicação abertamente galeguistas: desde Dezembro, o movimento normalizador galego já ocupou em três ocasiões um lugar de destaque nos telejornais mais vistos pela população lusa. NOVAS DA GALIZA viaja neste número a Portugal para medir o alcance de umhas iniciativas que pola pri-

meira vez em várias décadas envolvem pessoas, quase sempre bastante novinhas, de origem portuguesa. Seria injusto dissociar este fervilhar associativo galaico-português do trabalho bem feito que se tem estado a desenvolver em numerosos âmbitos, desde o comunicacional, com o Portal Galego da Língua, até o cultural, com Ponte... nas Ondas, sem esquecermos as numerosas iniciativas musicais e de outro tipo promovidas mesmo por pessoas amiúde desligadas de qualquer projecto associativo deste género. Tendo em conta que o êxito do mútuo conhecimento é fundamental para o fortalecimento da nossa língua e cultura, será imprescindível agir com responsabilidade, sem acordar fantasmas irredentistas. Assim o adverte Fernando Venâncio (um dos intelectuais portugueses que mais se tem implicado nos últimos anos em prol do conhecimento da realidade galega em Portugal) num artigo de opinião que publicamos neste número. / Pág. 14

Economia alternativa contra consumismo descontrolado

Diversas iniciativas cívicas espalham na Galiza um outro modelo de consumo / 13



Ambientalistas denunciam falta de vontade para rematar de forma definitiva com a poluição de ENCE e o seu modelo florestal

A ENCE poderá continuar a poluir fora de Lourizán após a sua resituação

O MODELO FLORESTAL DE MONOCULTIVO DE EUCALIPTO CONTINUARÁ INTACTO

O mês de Abril foi assinalado como limite para que as conselharías implicadas entreguem os relatórios necessários para adotar umha decisom definitiva quanto ao complexo de Lourizán. A mudança de localização da ENCE foi umha das primeiras promessas que lançou o executivo autonómico ao chegar a Sam Caetano. Ainda concordando no básico, a disposição dos dous partidos para levar a cabo a transferência nom estivo isenta de confrontos entre representantes das diferentes

conselharías sobre o modo de proceder.

Porém, as principais discrepâncias nom se estão a produzir dentro do Governo, mas entre o executivo e os sectores que sempre se opugérom ao proteccionismo institucional da ENCE, que afirmam que a nova localização que postulam as conselharías do Ambiente e da Indústria, no polígono industrial de Barro-Meis, seria a maneira de premiar umha empresa que estivo a estragar a ria de Ponte Vedra desde há mais de quarenta anos,

já que o desmantelamento e posterior resituação seria financiada pola própria Junta. De facto, o crescimento da empresa depois da sua privatização só se explica com um forte apoio institucional, tanto do governo de Fraga como do actual executivo autonómico, que parte da premissa de que a transferência da Celulose nom haverá de prejudicar os interesses da empresa. Mas isto poderia implicar a continuidade do modelo florestal e poluente actual, segundo a opinião do ambientalismo. / Pág. 10

E AINDA...



SURGEM DUAS INICIATIVAS para fortalecer o futebol galego: a Taça Gallaccia e a Taça Junta da Galiza / 19

COORDENADORA GALEGA de Centros Sociais organizará em Oleiros Dia das Letras protagonizado polos movementos sociais / 05

A MAE DE DIEGO VINHA quer chegar até o fim para apurar a responsabilidade da Guarda Civil na morte do jovem / 05

CESSAR-FOGO DA ETA poderá resituar a posição das forças políticas bascas / 08

Opiniões de Fernando Venâncio, Dionísio Pereira, Pedro Alonso, Xan Duro e Xan Carlos Ánsia



Algumhas considerações sobre o Ano da Memória

DIONÍSIO PEREIRA

“A LINGUAGEM É UMHA DAS ARMAS MAIS PODEROSAS PARA NOS COLOCARMOS NO MUNDO, PARA NOS SITUARMOS COMO PESSOAS E EM RELAÇÃO ÀS OUTRAS. TEM MUITA MAIS FORÇA E INFLUÊNCIA QUANDO A LINGUAGEM VEM DA BOCA DO PODER, DA IMPRENSA E DOS E DAS QUE EXERCEM A POLÍTICA”

Conforme se achega a data simbólica do dia 14 de Abril, que em 2006 vem sendo o 75 aniversário da proclamação da IIª República no Estado espanhol, umha moreia de actos comemorativos deste evento acompanha as múltiplas homenagens que se estão a desenvolver polo País adiante com as vítimas do franquismo como protagonistas: de Ourense a Fene, da Corunha até Tui, Redondela, Monforte, Teio ou Silheda, cidadãos, associações de diversa índole, câmaras municipais e particulares, desenvolvem um activismo pouco habitual por estes pagos em torno de umha temática que, até há bem pouco, era "tabu" fora de círculos mui reduzidos. A própria Conselharia da Cultura da Junta da Galiza apresentará no início do mês de Abril, no palco do antigo campo de concentração da Ilha de San Simom, as actividades que vai promover com o galho do 70 aniversário do golpe militar que esnaquizou tantas vidas e roteiros colectivos. Vai-no fazer, e isso é um acerto importantíssimo, apoiada em boa medida nesta rede que se foi argalhando silandeira, como quem nom quer a cousa, desde há anos. Colectivos pioneiros como a Associação de Amigos da República de Ourense ou a Fundação 10 de Março das CCOO da Galiza, abrírom caminho há mais de umha década a meio cento de associações que, espalhadas por todo o território, podem levar hoje em dias as suas propostas a milhares de cidadãos e cidadás. Historiadores como Bernardo Máiz, Manuel González Probados, Carlos Nuevo, Suso Torres ou Carlos Fernández, à margem da Academia e alumdiados tam só polo seu compromisso, precederom em quase que vinte anos, em condições muito precárias, as primeiras individualidades procedentes da Universidade que, após a passagem do belga Marc Wouters pola Faculdade de História compostelana, começárom a prestar atenção às múltiplas faces da repressom franquista na Galiza. Nos dias de hoje som perto de um cento de estudiosos e estudiosas que, dentro ou fora dos lindes da

Academia, estão a trabalhar neste campo, de maneira que podemos aguardar em breve prazo um avanço sem precedentes no conhecimento da barbárie fascista e das suas consequências no conjunto do País. A convocatória do Ano da Memória, impulsionada pola referida Conselharia, tivo a virtualidade de exercer como catalizador de muitos dos esforços individuais e colectivos que entesoura este tecido social que, apesar da sua dispersom e heterogeneidade, tem avançado nom pouco no seu mútuo (re)conhecimento. Agora, cumpre articular espaços de relação abertos onde a troca de informação permita coordenar actividades, promover a ajuda mútua e a colaboração transversal, superando algunha que outra iniciativa vertical, teledirigida por antigos membros de IU e do PCG próximo na actualidade do PSOE, necessitados de propagar um discurso cúmplice com os silêncios culpáveis da Transição. A própria diversidade dos indivíduos e dos colectivos, onde na maioria das ocasiões convivem pessoas de ideários bem diferentes, é o principal activo desta malha e a melhor garantia de que as suas propostas chegarão a importantes segmentos da população galega; por isso, considero muito negativa qualquer tentativa de controlo partidário, quer venha daqui quer dacolá. Porque, na minha opinião, mais do que salientar o sacrifício de umha personagem emblemática ou de umha determinada corrente ideológica, deveríamos pretender que a maioria social do País visualizasse com toda a crueza a repressom em toda a sua cinzenta amplitude, propiciando a reflexom e o debate sobre a persistência de ressaibos franquistas na actualidade. Porém, nem todas som luzes neste Ano da Memória. Nom parece que todo o Governo da Junta tenha o mesmo interesse que a Direcção Geral de Criação Cultural chefiada polo pontevedrés Luis Bará. Chama a atenção, por exemplo, a ausência de umha declaração institucional do Parlamento da Galiza em prol da



eliminação da simbologia franquista, cuja primeira concreção deveria ser a retirada de rótulos em instituições dependentes da Junta, tal como hospitais ou escolas. E já que falamos de ensino, a inibição da Conselharia da Educação está a provocar a invisibilidade do Ano em question nos centros; o assunto é grave, porque mal se ensina à mocidade actual nada do que aconteceu naqueles maldados anos. Tampouco, que saibamos, há em andamento nenhuma iniciativa em relação às necessárias reparações de que som credores os retaliados e as suas famílias, começando pola nulidade dos julgamentos franquistas. Neste sentido, as vacilações do PSOE no Parlamento espanhol na hora de redigir umha Lei de Memória Histórica que reivindique os valores democráticos e libertadores dos vencidos, nom som um bom presságio.

Nom obstante, o absentismo nom aninha tam só nas fileiras socialistas: no nacionalismo também andam a vê-las vir e alguns sectores, se calhar desmotivados polo cativo controlo que o BNG está a ter do processo, viram-lhe as costas fazendo gala de um partidarismo vesgo e, ao meu entender, profundamente desnorreado. O 'passotismo' da CIG e do SLG ao respeito, deve ser lamentado. Finalmente, umha última consideração: reivindicar um tratamento 'político' das homenagens às vítimas do franquismo na Galiza, para nom cairmos numha visom nostálgica e choramingueira. É-che bem certo que os chegados das vítimas merecem todo o nosso respeito e o nosso apoio, mas também cumpre dizer que nom se trata só de pessoas, mas dos valores que elas sustentárom. E desses valores nos reclamamos os que procuramos mais liberdade e

igualdade para as nossas existências. Transmitir arelas de rebeldia contra os privilégios, de apoio mútuo e solidariedade, de açom colectiva para defender os direitos dos indivíduos e dos povos; eis a maneira de os homens e as mulheres sacrificadas polo franquismo precisamente polo seu compromisso libertador, sobreviverem nas angueiras de hoje em dia em prol de umha sociedade mais justa. Cumpre tender umha ponte entre os lutadores de ontem e de hoje, de maneira que Alexandre Bóveda, Jaime Quintanilha, José Vila Verde ou Benigno Álvares, entre tantos outros e outras, estejam conosco quando rejeitarmos a precariedade laboral, a discriminação da mulher trabalhadora, a exploração dos imigrantes, ou reclamarmos com firmeza o direito a decidir das nações sem Estado.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algunha inquietação ou mesmo algunha opinião sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderã exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaborações, como também de resumi-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderã ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.
Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

HOMENAGEM A HELENA TALHO

No passado dia de Natal finava na cidade de Lugo a militante independentista Helena Talho Arrivas. A sua morte fijo com que 13 organizações e agrupações políticas, sociais e culturais (Associação Cultural Alto Minho, CIG, Clube Cultural Valle Inclán, Colectivo Anti-Fascista O Piloto, AMI, NÓS-UP, FPG, Coordenadora Feminista Donas de Nós, Cova da Terra, Coordenadora Local Marcha Mundial das Mulheres, CNT, Coordenadora pola Paz, Rádio Clavi e amigos e amigas de Helena Talho) promovessem um programa de actos para lembrarem a sua memória. Estes actos, consistentes num concerto recital e na descoberta de umha placa em homenagem à militante independentista, conti-

naram com umha série de conferências sobre o anti-imperialismo, o nacionalismo popular e a luta feminista, às quais animamos a assistir e partilhar. As três organizações independentistas de Lugo queremos fazer um agradecimento público pola nutrida assistência e as múltiplas mostras de apoio e solidariedade com o independentismo e a família da companheira Helena.

A AMI, FPG e NÓS-UP queremos lembrar conjuntamente a entrega abnegada e patriótica de Helena Talho, que desenvolveu umha actividade importante nas associações vicinais, sociais, políticas e sindicais desta comarca e sempre defendeu os valores da independência e o socialismo com firmeza e coerência.

Assembleia da Mocidade Independentista, Frente Popular Galega e NÓS-Unidade Popular

Contra a Nostalgia

FERNANDO VENÂNCIO

“O NOSSO PASSADO? VEJAMOS. DOIS TERÇOS DE PORTUGAL NUNCA TIVERAM NADA A VER COM A GALIZA. O OUTRO TERÇO VIVE HÁ NOVE SÉCULOS SEM LEMBRANÇA EFECTIVA DA VELHA UNIÃO. MAS HÁ MAIS. NUMA CONQUISTA FULMINANTE, ENTRE 1140 E 1250, A OCUPAÇÃO NORTENHA VEIO IMPOR AO RESTO DO TERRITÓRIO UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA. QUAL? POIS, A DA GRANDE GALIZA”

Para Portugal, a conviência galega promete vantagens. Uma delas seria o travar da igualização cultural e linguística do país, quem sabe se o inverter do processo. É porque estou convencido dessas vantagens que faço do incentivo dessa conviência uma tarefa de cidadão.

Preocupa-me, por isso, certa deriva galega que, deixada a si, virá lançar a confusão, comprometendo longos e empenhados esforços. Essa deriva tem vários nomes. Escolhamos o de 'nostalgia', a nostalgia dos 'nossos' primórdios. Ela vem enroupada na insistente lembrança aos portugueses da origem comum. É tocante, é inofensivo. Mas cedo a nostalgia se transmuta em mística. E ela sonha com o calor do ninho português e idealiza Portugal e o português, essa língua tão 'autêntica', tão limpa de contaminações. Tanto basta para encher uma alma. E deve dizer-se que há galegos em constante levitação portuguesa.

Os problemas surgem quando se exporta para Portugal essa mística, com palavras de ordem ("somos todos galegos") e iconografia. Trata-se, bem visto, duma mística galegocêntrica. Um dos ícones é a 'Grande Galiza', esse mapa-fantasma sobreposto ao da Galiza e do Norte de Portugal. Chega-se a desenhá-lo, e o nosso Norte chama-se agora Galiza Sul, ou Galiza Portuguesa, ou simplesmente Galiza. A portugueses, essa euforia soa primeiro estranha, depois suspeita, por fim irritante. Em vez de reconsiderar-se, acusa-se-nos então de 'escondermos', de 'rejeitarmos' o nosso passado. E assim, da levitação, entrou-se em pleno delírio.

O nosso passado? Vejamos. Dois terços de Portugal nunca tiveram nada a ver com a Galiza. O outro terço vive há

nove séculos sem lembrança efectiva da velha união. Mas há mais. Numa conquista fulminante, entre 1140 e 1250, a ocupação nortenha veio impor ao resto do território uma língua estrangeira. Qual? Pois, a da Grande Galiza. Só que, hoje, nenhum português do Centro ou do Sul se revolta com isso, e ainda bem. Porque esta - esta - é desde então a língua dos nossos amores e das nossas canções. Acordar uma nostalgia da liberdade então perdida e das línguas então trucidadas seria tocante, mas alucinatório. Ora bem, a nostalgia da Grande Galiza é outra alucinação.

Talvez vós, amigos galegos, não o saibais. Mas nós, portugueses, já carregamos lixo ideológico de sobra. Já temos de aturar as tretas da 'identidade portuguesa', do 'Quinto Império' e essa duvidosa 'lusofonia'. Dispensamos, pois, e muito gratamente, a treta da 'Portugaliza'. Dispensamo-la sobretudo quando ela traz, como uma agenda secreta, a ânsia de fazer-nos aliados nos vossos conflitos e mútuos ressentimentos.

Não, amigos, há mil coisas boas que podeis oferecer-nos. Provai connosco o vosso espírito empreendedor e laborioso. Trazei-nos a vossa música, a vossa história, a vossa literatura. Mostrai-nos a vossa expressão, o vosso léxico, os vossos giros, quem sabe alguma coisa podemos aproveitar, ou então só deliciarmos com a riqueza do idioma comum. É este o idioma que corre grave risco na Galiza? Pois estuai connosco o que possamos fazer.

Mas não apareçais sozinhos. Trazei os outros galegos, que os há, e muitos, tão preocupados como vós, e a quem detestais. No melhor da nossa atenção, haverá sempre espaço para todos.

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

REDACTORA-CHEFE
Marta Salgueiro

CONSELHO DE REDACÇÃO
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván García, Xiana Árias, Sole Rei, F. Marinho, Natália Gonçalves, Gerardo Uz

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇÃO
Miguel García, C.Barros, A. Vidal, X. Árias

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal)
Jon Etxeandia (País Basco)
Juanjo García (Países Cataláns)

COLABORAÇÕES
Maurício Castro, I. Gomes, D. Loimil, X. Carlos Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, R. Pinheiro, Joseba Irazola, Asier Rodrigues, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germán Hermida, Celso Á. Cáccamo, João Aveledo, Jorge Paços, Adela Figueroa, João Peres, Pedro Alonso, Alexandre F., Joana Pinto, Miguel Burros, Ana Rocha, Luís G. Blasco 'Foz', Alberte Pagán

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Herme, Gonzalo Vilas, Farruquinhos, Aduanceiros sem fronteiras, Xosé Manuel

CORREÇÃO LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel García

FICHO DA EDIÇÃO: 15/04/06

D. LEGAL C-1250-02 / As opiniões expressas nos artigos não representam necessariamente a posição do periódico. Os artigos são de livre reprodução respeitando a ortografia e citando procedência. A informação continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

ENCE: ATRASO E DISTRACÇÃO

Desde que a crise ambiental ameaça a existência de todos, as democracias de mercado eleváram certo ecologismo a ideologia necessária para limitar os custos da desfeita. Este ambientalismo selectivo enche a boca de todos os políticos; figura nos anúncios de carros e perfumes; as casas geminadas vendem-se como construções ecológica e o 'consumo verde' tem lugar de privilégio nas prateleiras das áreas comerciais.

Mas nom há esbanjamento possível sem as suas consequências letais, como nom há catástrofe sem vítimas. Os espaços insalubres deslocam-se a áreas menos visíveis e zonas imensas dos milheiros de periferias mundiais padecem o que o centro opulento vem de rejeitar. Indústrias poluintes, transportes desfasados ou marés de refugallo nom casam com os cenários impolutos do 'turismo cultural', a vigorosa economia do consumo de paisagens e o património 'revalorizado' em forma de museu. Também na Galiza esta proposta de postal ganha devagar o seu espaço ao alento da terciarização, o fim dos espaços comunais e a liquidação da economia produtiva.

A luta contra ENCE tem-se erguido como justo

referente de mobilização popular ao longo das últimas décadas. Polo massivo da resposta suscitada, e por enfrentar um conglomerado industrial e financeiro que parecia encarnar a imagem mais nítida da Galiza fanada e dependente, a implicação cidadã contra o complexo de Louricám sintetizou como poucas a aposta colectiva por umha mudança radical. A falta de clareza do governo bipartido quanto o futuro da empresa (dilatando a decisom tomada com o pano de fundo de declarações contraditórias) motiva preocupações muito razoáveis. Está por ver se o pulso mantido valentemente contra Caixa Galicia no âmbito pontevedrés alcança dimensões realmente nacionais; cumpre sabermos para já se a vontade de erigir a vila do Leres em referente do turismo verde e livre de chaminés fica em simples propósito local ou supõe a panca para umha política agrária e florestal substancialmente diferente. Se nom se constingir ao máximo a açom dos delinquentes ambientais, liquidando a sua esfera de influência insitucional, confirmaremos que quatro ilheus de sustentabilidade servem de simples excepções acoutadas para fazer-nos esquecer o alcanço da desfeita.

SUSO SANMARTIN

ENCE
BO
LA
DO
[O 'EMBOLODO' DE ENCE]



NOTÍCIAS



Lidia Senra, na manifestação que reuniu em Ribadavia milhares de labregos em luta por um preço justo para o leite / SLG

Grande convulsom no sector vinícola

Sindicatos agrários denunciam incumprimento dos acordos mínimos fixados na passada reunião da Mesa do Vinho

REDACÇOM / Nos últimos meses, o sector vinícola está a viver umha grande convulsom interna. Por um lado, os produtores, que como o resto do sector primário sofrêrom - e ainda sofrem - as conseqüências da inflaçom, tanto dos carburantes como dos sulfatos, fertilizantes, seguros agrícolas obrigatórios e outras despesas. Por outro, as adegas, que já manifestárom - e levárom à prática - o propósito de rebaixarem o preço que pagam aos viticultores.

Neste sentido, o Sindicato Labrego Galego (SLG) considerou umha "auténtica declaração de guerra" a atitude de adegas como a do Ribeiro, que rejeitárom assinar um contrato de pagamento das uvas da colheita de 2005. Desta forma, segundo a central sindical, os empresários estariam incumprindo os acordos mínimos fixados na passada reunião da Mesa do Vinho.

Segundo o SLG, apenas a

Cooperativa Vitivinícola está a cumprir os acordos, enquanto adegas como Campante e Docampo "manifestárom explicitamente que nom assinaríam nenhum". Por esta razão, o SLG e os outros dous sindicatos, Jovens Agricultores e Unions Agrárias, empreenderáram diferentes açoms comuns para pressionarem os empresários e conseguirem que paguem a uva dentro das margens preestabelecidas. Também farám um chamamento a adegas como Cunqueiro, Alejandro e Pazo do Mar, que inicialmente se mostraram mais receptivas para assinarem acordos.

Segundo o SLG, nestes momentos, as adegas iniciárom umha "guerra suicida de preços", vendendo o vinho abaixo do preço de custo, aproveitando "a flexibilidade que existe para diminuírem o pago aos viticultores". De facto, a nível político, já se reclamou a criaçom de umha interprofissional agrária que medeie entre

indústria e produtores e que consiga diminuir a tensom existente na actualidade.

Relevo em Val d'Eorras

O último - mas nom derradeiro - episódio deste longo conflito foi o demissom de Manuel Maximino Losada Arias como chefe do Conselho Regulador da Denominaçom de Origen Val d'Eorras. A decisom foi tomada pola Conselharia do Meio Rural para tentar reconduzir umha situaçom que ameaçava com sumir o sector numha funda crise.

Havia tempo que Losada Arias estava a questionado por parte dos sindicatos agrários e dos produtores, mas nom só. Por exemplo, a deputada nacionalista Tereixa Paz pronunciouse a favor do relevo, esperando que assim "se repare a imagem deste órgao", ainda que também manifestasse as suas dúvidas sobre se a destituiçom ajudaria a mitigar "as tensas relaçoms e a falta de consenso".

Detenhem independentistas em Ponte Areias sem que se conheça acusaçom

REDACÇOM / António Pino e Paulo Porto fôrom detidos por agentes da Guarda Civil no passado dia 6 de Abril em Ponte Areias. Ainda que os indícios apontassem à vinculaçom da operaçom repressiva com a retirada de simbologia fascista, os detidos nom conhecêrom as causas da detençom durante as duas horas em que fôrom privados de liberdade, nas quais fôrom interrogados e recebêrom ameaças.

Durante a tarde do mesmo dia, diferentes elementos da Guarda Civil vigiárom domi-

cílios de militantes independentistas e agrupárom-se à porta do local social Baiuca Vermelha, que conseguiu abrir as portas após umha concentraçom espontânea em frente do centro autogerido. Às nove da noite várias dúzias de pessoas concentravam-se perante a Câmara municipal ponte-areá, convocadas por NÓS-Unidade Popular, para protestarem contra as açoms repressivas e de criminalizaçom dos movimentos populares levadas a termo polo instituto armado.

Primeiro plenário nacional do Espaço Irmandinho

REDACÇOM / Durante os passados dias 18 e 19 de Março tiveo lugar, na Casa Encantada de Compostela, o primeiro plenário nacional de Espaço Irmandinho, autodefinido como "fórum de encontro e formaçom para a prática" de militantes independentistas de diversos movimentos sociais. As e os presentes revisárom a

actualidade de dinâmicas sócio-políticas como as relaionadas com a contra-informaçom, a anti-repressom ou a laboral, e debatêrom um documento intitulado 'Os centros sociais como alternativa independentista e revolucionária'. Em poucas semanas publicarám na rede estes e outros documentos de formaçom.

Investigam a autoria de duas sabotagens em Compostela

Redaçom / Fontes policiais e jornalísticas nom esclarecêrom as origens de duas novas sabotagens acontecidas na comarca de Compostela, embora apontárom diversas hipóteses. No Domingo 9 de Abril, um artefacto incendiário danava seriamente o escritório do BBVA no bairro de Sam Lázaro, cujo funcionamento foi paralisado temporalmente polas obras de reparaçom.

Segundo a imprensa local, "a açom teria sido obra de anarquistas vinculados ao movimento ocupa catalám". Dous dias mais tarde, no concelho de Teio, uns operários topavam com bombas incendiárias prontas para estourarem nas obras da macrourbanizaçom Vale da Ramalhosa. A televisom autonómica responsabilizou o independentismo pola sabotagem.

Coordenadora Galega de Centros Sociais organizará Dia das Letras em Oleiros

REDACÇOM / A iniciativa contará também com o apoio de entidades como a AGAL, o MDL e o jornal NOVAS DA GALIZA e realizará-se no dia 20 de Maio. As e os organizadores contam com o apoio da Câmara Municipal de Oleiros para a programação das suas actividades, polo que constitui un acto sem precedentes. A Coordenadora de Centros Sociais e o resto de entidades participantes dedicarán toda unha jornada à reivindicación do idioma com especial protagonismo para os movimentos sociais: feira com exposiçom de material de diferentes movimentos populares e projectos culturais, mesas redondas, teatro e um concerto conformam o mais significativo do calendário de unha jornada que dará começo às 13h00 horas

do meio-dia e continuará ao longo da noite. Será a primeira grande actividade impulsionada pola referida Coordenadora, organismo criado muito recentemente para a troca de recursos e experiéncias entre os diferentes Centros Sociais que operam no País. Após a sua implantaçom em sete das cidades da Galiza, a sua expansom está a producir-se por vilas médias como Ponte Areias, Bertamiráns e Riba d'Ávia.

Por seu turno, a Mesa pola Normalizaçom Lingüística comemora o Dia das Letras com o seu acto tradicional. Unha manifestaçom partirá da Alameda compostelana a exigir que o dever de conhecer o galego figure no novo Estatuto de Autonomia da Galiza.

PGOUM de Arteijo: "nulo de pleno direito"

REDACÇOM / A Junta da Galiza anunciou a sua intençom de revisar as mudançás efectuada nas normas urbanísticas do concelho de Arteijo para determinar se procede a sua anulaçom. A modificaçom do anterior Plano Geral de Ordenaçom Municipal (PGOM) fora efectuada no passado ano polo presidente da Câmara municipal, Manuel Posse (PP), sendo ratificada polo Governo galego em funçom, do mesmo partido. Desta forma, os actuais responsáveis pola Junta pretendem esclarecer se a nova ordenaçom urbanística respeita ou desrespeita o estabelecido na Lei do Solo. O actual PGOM de Arteijo fixou un solo urbano de 45.800 metros quadrados, dos quais 27.400 corresponderiam ao parque fluvial e o resto a diferentes unidades de execuçom. Esta modificaçom implica a alteraçom das

superfícies inicialmente destinadas a zonas verdes e espazos livres de carácter público. A Administraçom galega observa que o PGOM desrespeita os limites legais de edificabilidade estabelecidos para os concelhos de mais de 20.000 habitantes e menos de 50.000 - como é o caso, já que apenas podem dispor de um metro quadrado edificável por cada metro quadrado de solo. No caso do concelho ártabro, porém, a reforma urbanística supera em 0,2 o máximo legal. Por estas razons, considera-se "nulo de pleno direito" o projecto de reordenaçom urbanística em Arteijo. Ainda, apreciam-se outras infracçom, como a requalificaçom de uns 3.000 metros quadrados de uso público para a construçom de diferentes edificios religiosos - igreja, casa paroquial - de titularidade privada.

CARMEN CASTRO, MAE DE DIEGO VINHA

"Demonstrar o que fai a Guarda Civil é o que me mantém em pé"

Diego Vinha era um moço de 22 anos que em Setembro de 2004 morreu de forma mais que suspeita no quartel da Guarda Civil de Arteijo. Desde entom, começou a luta da sua mae e familiares para conhecerem as causas da morte. Ano e meio depois, após muita pressom da família materna e de diversas organizaçom, vinhêrom a luz multitudem de irregularidades na detençom, na denúncia que levou Diego ao quartel e na estadia de Diego nos calabouços, o que deu lugar a que o Tribunal Superior de Justiça da Galiza acabasse por admitir a trâmite a denúncia contra os agentes implicados. Carmen Castro e Elena Silveira, mae e prima do falecido, explicam-nos as irregularidades e iniciativas que se estão a levar a cabo para esclarecer a morte de Diego e apurar responsabilidades.



Diego Vinha morreu nos calabouços da Guarda Civil de Arteijo

Como lhe notificam a morte do seu filho?

Nom soubem nada até as onze da noite, quando telefonou a minha filha, e ele já tinha morto às 5 da tarde. Nem sequer tivem conhecimento da detençom o dia anterior, porque essa temporada ele estava a viver com o pai. Nem a policia, nem a Guarda Civil, nem o pai se dignárom a me dizer nada. A desinformaçom foi absoluta.

Foi o próprio pai o autor da denúncia que levou à detençom do Diego. Porquê?

O pai denunciou-no após unha discussom por maus tratos, mas o parte médico recolhe que nom apresenta lesom. É unha pessoa mui conflituosa e mantinham unha relaçom muito tensa, por isso Diego estava em tratamento. O pai estava bêbedo quando realizou a denúncia; de facto, ao sair do quartel deu positivo num controlo de alcoolemia. Valeu-se da relaçom que tinha com um dos guardas para que tivessem a denúncia em conta. E mesmo declarou que figera

unha denúncia falsa para tirar o filho de cima.

Que passos destes para denunciar o caso?

Eu soubem no cemitério que o pai efectuara unha denúncia contra a Guarda Civil para conseguir algo da indemnizaçom pola morte do filho. Depois, pugem-me em contacto com um advogado e figemos um abaixo-assinado para que os factos fossem esclarecidos. Assim que conseguimos a denúncia feita polo pai e soubemos da existéncia de irregularidades, mudei de advogado e, insistindo muito, este aceitou a pôr a denúncia polo penal. PreS.O.S. elaborou depois unha denúncia mais completa e pouco a pouco fomos dando conta das contradicçom, da desapareçom de provas, até que finalmente, há uns meses, o TSJG admitiu a denúncia a trâmite.

Falávamos de pontos obscuros na detençom e na morte, pode assinalar alguns?

A Guarda Civil di que se enforcou com as calças, mas quando

o juiz foi levantar o cadáver encontrou-no no chao. Nom o vigiárom nos calabouços e os guardas que o levárom ao médico desobedecêrom as ordens deste para ser transferido para um centro de toxicodépndencias. Entom, o Diego foi levado de novo para o quartel, onde nom lhe dêrom a medicaçom que precisava, e isto agravou o seu estado de ansiedade. Também desaparecêrom as calças... há muitísimas cousas que nom quadram.


Que pretende com a denúncia, para além de esclarecer a morte do Diego?

Quero que os cinco guarda civis denunciados paguem polo que figêrom, sejam encarcerados e afastados do corpo; ademais, quero que se saiba que na Guarda Civil se tortura, que sirva para que as pessoas tomem consciéncia do que se passa nos quartéis. O que aconteceu ao meu filho pode acontecer a qualquer pessoa. Por tudo isto é polo que vou lutar: demonstrar o que é a Guarda Civil é o que me mantém em pé. Nom vou parar até chegar ao fundo.

LIVRARIA
SISARGAS
R. Carlos Fernández
15002 A CORUÑA
TEL. 914 767.20082

bar 
Galuya
Orzán 75,
A Coruña


a tua tenda
Roupa
Rua J. Méis
Castro
15001 Ponte
Vieira (Lugo)


Rua Nórreas, 5
Lugo

CAMPONGA

CAMPO CASTELO 36
LUGO



CRONOLOGIA



◆ 10-03-2006

SINDICATOS AMEAÇAM com mobilizações contra descida do preço do leite

◆ 11-03-2006

10.000 GALEGAS poderão ser cotitulares de explorações agrárias

◆ 12-03-2006

TOURINHO RECLAMA consenso para a reforma do estatuto

◆ 13-03-2006

CONVOCADAS 2.200 VAGAS para o sergas

◆ 14-03-2006

JUNTA E GOVERNO argentino assinam convénio sanitário para emigrantes

◆ 15-03-2006

JUNTA REALIZARÁ inspeções urbanísticas

◆ 16-03-2006

PRINCÍPIO DE ACORDO no sector das ambulâncias

◆ 17-03-2006

TOURINHO FINALIZA a sua viagem à Argentina

◆ 18-03-2006

PRESIDENTE DA JUNTA nom considera oportuna a subida dos salários dos parlamentares galegos

◆ 19-03-2006

ASSALTO AO CARREFOUR na Corunha

◆ 20-03-2006

COMEÇA A TRABALHAR A comissom de trânsito na Corunha

◆ 21-03-2006

MÉNDEZ ROMEU propom diálogo para acordar projecto área metropolitana de Vigo

◆ 22-03-2006

POLÍTICOS GALEGOS esperançados com trégua da ETA

◆ 24-03-2006

JUNTA RETIRA documento para área metropolitana de Vigo

◆ 25-03-2006

TOURINHO PEDE à câmara de Vigo diálogo para a criação da área metropolitana

Jovens de Compostela impulsionam umha Assembleia de Precários



REDACÇOM / Vários moços e moças da comarca de Compostela de origens militantes diversas pugérom em andamento um novo projecto com que pretendem "luitar a partir da base contra o crescente problema social da precariedade". A finalidade da Assembleia de Precários "é levar o tema à rua" para consciencializar a sociedade da situação sócio-laboral a que estão submetidos milhares de jovens no nosso país.

A assembleia inaugurou-se oficialmente com umha ceia de protesto contra o Restaurante Central no passado dia 22 de Março. Neste estabelecimento os rapazes e raparigas da assembleia levantárom-se das mesas antes de acabarem o menu com umhas máscaras brancas na cara e negárom-se a pagar a conta, e perante o olhar de trabalhadores e clientes repartírom panfletos informando das causas do protesto.

Na Assembleia anunciárom novas acções nos próximos meses contra "grandes

empresas, o patronato, sindicatos colaboradores e ETT's em forma de actos de desobediência."

Com o slogan: "Perigo: precári@s organizad@s e rebeldes" anuncia a sua próxima campanha contra as empresas mais significativas no incumprimento dos directos laborais que serán assinaladas com pintura vermelha e a palavra "chupa-sangues".

As ETT's Adecco e umha loja da cadeia de moda Inditex, Stradivarius fôrom recentemente sabotadas com pintura vermelha.

As campanhas da assembleia centrarárom-se na denúncia do sector serviços, concretamente o turismo selvagem que padece a comarca de Compostela, o labor de silenciamento dos media e o lazer consumista.

Precariedade juvenil é de 97%

◆ Segundo dados publicados polo INEM, revela-se que 97,3 por cento dos 205.672 contratos assinados por galegos e galegas menores de 25 anos em 2005 fôrom de carácter temporário. Em quase metade destas contratações, até 93.816, as causas da transitoriedade devêrom-se a "circunstâncias da produção". A seguir, os mais numerosos som os contratos a prazo para trabalhos de obra ou serviço: 73.428, atingindo a percentagem de 35,7 por cento. A maior dis-

tância, os contratos eventuais por razons de interinidade, formaçom ou estágios implicárom conjuntamente 13,94 por cento, ultrapassando ligeiramente os 28.000.

Mas nom só os jovens sofrêrom - e sofrem - os efeitos da temporalidade: também fôrom eventuais 94,88 por cento dos contratos assinados polo segmento de populaçom dos 30 aos 39. Ainda, um em cada quatro jovens de 16 a 19 anos está desempregado.

Recuperaçom e desprezo da memória histórica antifascista em Monforte de Lemos

REDACÇOM / No sábado 25 de Março realizou-se em Monforte um acto de homenagem à lembrança de quatro membros do Exército Guerrilheiro da Galiza assassinados pola Guarda Civil a 20 de Abril de 1949, na paróquia de Chavaga. Os falecidos foram Evaristo Gonçalves Peres, 'o Rocés', Guilherme Morám Garcia, 'o Asturiano', Juliám Acebo Albarca, 'Guardinha' e Gregório Colmenero, 'Lugo'. Em lembrança dos guerrilheiros foi instalada, 57 anos depois de terem sido soterrados numha vala comum, umha

placa comemorativa com os seus nomes no lugar do cemitério monfortino em que ficaram os corpos. Mais de cinquenta pessoas assistírom ao emotivo acto, segundo afirmárom vários assistentes, realizado pola Delegaçom de Cultura da Câmara Municipal de Monforte, com a colaboraçom da Coordenadora Galega de Roteiros (COGARRO) e do Arquivo Guerra Civil e Exílio (AGE). Três dias depois, porém, a placa desaparecia do lugar, ficando vazio o espaço de dignificaçom histórica que correspondia aos que lutárom

pola liberdade e contra a opressom da ditadura franquista. Nos anos quarenta estabelecera-se em Chavaga o Estado Maior da guerrilha para a comarca, que depois do assassinato dos quatro homenageados começou a ir em declínio, tanto na zona como no resto da Galiza administrativa e no Berzo, segundo afirmou no acto do dia 25 o ex-guerrilheiro Francisco Martínez, Quico, que esteve acompanhado polo também ex-guerrilheiro, embora da década de oitenta, Antom Árias Curto.

A morte dos quatro guerrilheiros de Chavaga produziu-se ao ser descoberto o seu refúgio pelas forças policiaes fascistas. A casa em que se encontrava e outra próxima, nos limites entre Monforte e a Póvoa do Brollhom, foram daquela assaltadas por mais de sessenta Guardas Civis de Lugo e de Ponferrada, que matárom também vários dos membros da família vizinha e incendiárom ambas as casas, segundo se narra no livro A Guerrilha Antifranquista de Mário de Langulho, escrito por Antonio Téllez.

Ugio Caamanho transferido para o módulo de isolamento

REDACÇOM / A situação penitenciária do preso independentista Ugio Caamanho está a piorar na prisom madrileña de Navalcarnero. Nos últimos dias de Março foi enviado para o módulo de isolamento depois de se ter recusado a entrar na sua cela como medida de protesto polas condições de internamento a que está submetido. Recentemente tinha sido separado do contacto com qualquer preso político e deslocado para um módulo onde convivia com presos afectados por toxicodependências. O castigo penitenciário de isolamento durará um tempo indefinido, que pode oscilar entre várias semanas ou meses.

Entre os direitos desrespeitados e denunciadas polo político galego encontram-se aspectos relacionados com a atençom higiénico-sanitária, as comunicações externas, as listas de visita e os seus períodos de renovaçom, as restriçoms impostas no correio ou a mudança contínua do dia das visitas. Ugio Caamanho tinha reivindicado em várias ocasiões dispor de umha cela individual, direito recolhido pola Lei Geral Penitenciária, ou partilhar cela com algum preso político. Ambas as possibilidades fôrom desatendidas polos directivos da prisom, que estão a intensificar as medidas de castigo contra o independentista, ainda pendente de julgamento junto com Giana Rodrigues. Ambos foram detidos no passado 23 de Julho em Compostela, sob a acusaçom de terem participado na colocaçom de um explosivo que desfijou parte da sede central de Caixa Galicia na capital galega.



A Gentalha do Pichel quer combater a preguiça no âmbito da normalização onomástica

Primeira campanha pola galeguizaçom reintegrada de nomes e apelidos

REDACÇOM /Chega com dar umha vista de olhos às listas eleitorais dos principais partidos políticos da Galiza para nos apercebermos de que a normalizaçom onomástica nom é umha das conquistas do movimento normalizador dos últimos vinte anos. Mesmo nas fileiras nacionalistas, os Quintanas, Dopicos e Oteros fam com que a Galiza dificilmente poda concorrer em compromisso individual com as outras naçoms do Estado, onde a normalizaçom de nomes e apelidos está bastante generalizada. Mas ainda se regista mais um paradoxo: quando a galeguizaçom dos nomes e apelidos se produz, costuma fazer-se seguindo as normas da ortografia castelhana, de maneira que a identidade galega fica amiúde escondida atrás de

apelidos como Cuña, Fernández ou Carballo.

Preguiça individual e colectiva
Até a actualidade, as causas do escasso sucesso da galeguizaçom dos nomes e apelidos, especialmente destes últimos, som tam diversas como pessoas susceptíveis de efectuarem a mudança: mesmo entre pessoas conscientes, as razoms esgrimidas vam desde as estritamente familiares às supostas origens remotas da estirpe, que poriam em causa a procedência galaica do apelido. Os mitos quanto à onomástica familiar están, de facto, muito espalhados na Galiza, mas atrás deles costuma haver só isso, lendas, arejadas com frequência a justificar a preguiça para dar um passo que costuma nom ser bem

visto no âmbito familiar. Assim o vê a Gentalha do Pichel, a primeira associaçom que pom em andamento umha campanha pola galeguizaçom reintegrada dos nossos nomes e apelidos: "quer por preguiça, quer por medo a romper com umha tradiçom familiar, o certo é que as pessoas som reticentes a efectuarem esta mudança."

Funcionário de turno

Mas a normalizaçom dos nomes nem sempre é tam fácil. No reintegracionismo, a maior parte das pessoas usam o seu nome galeguizado na vida pessoal. Nos documentos oficiais, no entanto, o nome permanece espanholizado, umha vez que a ortografia galega nom é reconhecida como tal pola administraçom, tornando-se

enormemente longo e difícil o caminho da galeguizaçom. Por isso, a Gentalha do Pichel decidiu reunir pessoas interessadas em dar este passo, ajudando-as para conduzirem com êxito o processo de normalizaçom onomástica. Contam com um assessor que já tinha conseguido galeguizar os apelidos seguindo a ortografia histórica e disponibilizam na rede documentos e conselhos práticos para encurtar o processo quanto possível. Em princípio na comarca de Compostela, mas gostariam que ideia se espalhasse a todo o País. Asseguram-nos que "sempre existe um modo de fazê-lo", dependendo com frequência "do funcionário de turno; trata-se de nos dirigirmos à pessoa adequada."

NOVAS DE ALÉM MINHO

NUNO GOMES / **A nova ligação ferroviária entre o Porto e a fronteira com a Galiza** (parte da futura linha em bitola europeia Lisboa-Corunha) tem como prazo de concretizaçom o ano de 2015, segundo declaraçoms do governo português. O financiamento da linha tem estado a ser estudado, tendo sido aventada a hipótese de serem as regiões a garantirem os encargos financeiros (através da Comissão de Coordenaçom e Desenvolvimento Regional do Norte e da Junta da Galiza). Do lado português comecam-se já a discutir pormenores, como a localizaçom da paragem do comboio no Porto (a actual estaçom de Campanhã é a hipótese mais forte), a construçom de uma nova ponte sobre o Douro, a passagem da linha pelo

aeroporto Francisco Sá Carneiro e qual será a estaçom intermédia entre este último e a fronteira (Braga ou Barcelos).

A paragem do novo comboio rápido no aeroporto é vista com bons olhos pelo presidente da TAP (Transportadora Aérea Portuguesa), Fernando Pinto. Este defende que o transporte rodoviário em Velocidade Elevada permitirá catapultar o objectivo de tornar o aeroporto Francisco Sá Carneiro como a segunda "placa giratória" do país, a seguir ao aeroporto de Lisboa. Uma futura articulaçom com os três aeroportos galegos poderá permitir uma especializaçom do aeroporto português, referiu Rui Rio, presidente da Câmara do Porto e da Junta Metropolitana do Porto.

Foram anunciados três projectos a unir o Norte de Portugal e a Galiza na área tecnológica. Um desses projectos é entre a Universidade do Minho e suas congéneres galegas, e tem como objectivo a criaçom de empresas relacionadas com as novas tecnologias. A Comunidade de Trabalho Norte de Portugal - Galiza anunciou o intercâmbio de conhecimento sobre o mar, de forma a que a euro-região se possa posicionar favoravelmente na União Europeia, numa altura em que está para ser revelada a estratégia comunitária nesta área. Foi também anunciada uma ligação on-line entre os centros hospitalares das duas regiões, que permitiria gerar sinergias e combater listas de espera.



◆ 26-03-2006

CONSTITUÍDO CONSELHO galego de saúde

◆ 27-03-2006

ENCONTRAM JAZIGOS romanos em Vigo

◆ 28-03-2006

FESTA DA RECONQUISTA em Vigo. vizinhos insultam presidenta da câmara

◆ 29-03-2006

DESBLOQUEADA TRANSFERÊNCIA do ISM e FP contínua

◆ 30-03-2006

PSOE E BNG QUEREM debater área metropolitana. dim que pp nom respeita lei elaborada por eles

◆ 31-03-2006

ILHA DE CORTEGADA entra no parque das Ilhas Atlânticas

◆ 1-04-2006

TOURINHO PROPOM incluir direitos de terceira geraçom no novo estatuto de autonomia

◆ 02-04-2006

JUNTA E MADRID fecham acordo para eliminar portagens de rande e barca

◆ 03-04-2006

ANÚNCIO DE FOMENTO da supressom das portagens

◆ 04-04-2006

MINISTRO DA INDÚSTRIA e Presidente da Junta assinam acordo para reindustrializar Ferrol

◆ 05-04-2006

GREVE EM TVE e RNE

◆ 06-04-2006

PROTESTOS POR DESCIDA dos preços do leite

◆ 08-04-2006

PP QUER QUE sejam retiradas todas as cabines de portagens

◆ 09-04-2006

RECORDO DOS retaliados polo franquismo

◆ 10-04-2006

OBRAS DO AVE poderam estar em andamento no próximo ano

INTERNACIONAL

ETA DECLARA CESSAR-FOGO PERMANENTE



DUARTE FERRÍN / Os Estados espanhol e francês nom conseguírom acabar com a ETA nem com a esquerda abertzale apesar da enorme repressom exercida: as batidas policiais, os processamentos em massa, as torturas até a morte, as prisoms perpétuas em cárceres de exterminio, os 'suicídios' de presos, a dispersom, a guerra suja, os pactos anti-terroristas, o encerramento de jornais, rádios, herriko tabernas e gaztetxes, as fianças milionárias, as leis especiais, os tribunais de excepçom.... Organizaçoms juvenis, culturais, sociais, partidos políticos, fundaçoms e todo um povo foi passado por esquadras e quartéis, pola Audiência Nacional, e finalmente polo cárcere.

O que realmente preocupa aos Estados espanhol e francês nom é somente a ETA mas todo um movimento político de resistência frente ao fascismo e em defesa dos legítimos direitos de um povo negado polos dous Estados.

Nestes últimos anos todo o seu interesse foi tentar demonstrar para logo condenar judicialmente que toda a luita política e social no País Basco formava parte de ETA. Mas na realidade acontece o contrário: é a ETA que forma parte de um movimento mais amplo de luita que nom claudicou. Precisamente por isso nom pudérom acabar com a luita armada, porque para acabarem com ela, primeiro tenhem que acabar com os movimentos populares dos quais fai parte.

Agora a ETA tomou umha decisom

valente e comprometida: o cessar-fogo indefinido para impulsar um processo democrático em Euskal Herria, para que, mediante o diálogo, a negociaçom e o acordo, o povo poda superar o actual marco de negaçom, partiçom e imposiçom, e poda garantir o desenvolvimento de todas as opçoms políticas. Chega-se a esta oportunidade política porque milhares de pessoas do País Basco persistírom na sua luita e compromisso polos direitos como povo e polo reconhecimento de Euskal Herria.

Este anuncio da ETA é umha oportunidade que os Governos de Espanha e de França devem aproveitar, contribuindo para o êxito deste processo de negociaçom com o respeito à palavra expressa polo povo basco. Eles tenhem na sua mao abrir umha nova etapa política, desactivando todas as medidas repressivas e de condicionamento da actividade política, que deverá trazer consigo a saída das presas e presos das cadeias, a volta das refugiadas e refugiados, a recuperaçom da memória histórica do povo basco, esmagada pola memória oficial espanhola, a derrogaçom da Lei de Partidos, e o respeito dos direitos básicos da cidadania basca. Os Estados espanhol e francês devem reconhecer os resultados deste processo democrático, sem nenhum tipo de ingerências nem limitaçoms.

O povo basco é o destinatário desta iniciativa e a sociedade basca deve liderar este processo de diálogo que defina um acordo sobre a terri-

torialidade e o direito de autode-terminaçom. A mobilizaçom social deve ser capaz de blindar o processo, contendo os que tratam de dificultá-lo, em defesa dos seus interesses sectários, e partidários. O futuro de Euskal Herria depende de todas as bascas e bascos.

Neste novo cenário as diversas facçoms da direita tenhem diferentes objectivos:

Os objectivos do PSOE som ganhar as próximas eleiçoms gerais atribuindo-se a consecuçom de umha trégua da ETA e o início de um processo de paz, mantendo o Estado espanhol entretido com este processo entretimentos fam passar a nova reforma laboral e as políticas neoliberais que querem aplicar nesta legislatura.

Querem que o processo seja longo para desgastar a esquerda abertzale em debates internos que poderiam gerar-se ao redor de quanto se há de ceder e à vez para chegar em boas condiçoms à próxima campanha eleitoral. Por outro lado, tenta apresentar à opiniom pública espanhola umha imagem de esquerda abertzale assediada e debilitada com a clara intençom de conformar-se com um acordo em baixa.

O PP vai seguir umha estratégia de boicote às negociaçoms. Cada movimento do governo que suponha suavizar a política repressiva, por pequeno que seja, será respondido polo PP com a agitaçom parlamentar e extra-parlamentar. No PP nom querem aparecer perante a opiniom pública como os 'inimigos

Ao contrário das teses defendidas pola Audiência Nacional, é a ETA que forma parte de um movimento mais amplo de luita que nom claudicou. Precisamente por isso nom pudérom acabar com a luita armada, porque para acabarem com ela, primeiro tenhem que acabar com os movimentos populares dos que fai parte

da paz', mas pretendem deixar o PSOE como 'inimigos de Espanha' e 'cúmplices do terrorismo'. Com o fracasso das negociaçoms, a extrema-direita 'legitimária' ante os seus adeptos e ante a opiniom pública manipulável o seu discurso de mao dura, à vez que enterraria o discurso do PSOE, tentando fazer-lhes perder as próximas eleiçoms. As condiçoms que o PP pujo para apoiar a 'negociaçom' é que a repressom continue como sempre. Tendo mobilizada a Associaçom de Vítimas do Terrorismo e sectores do aparelho de Estado, sobretudo o judicial, tentam bloquear e fazer impossível o processo de paz. Além disso, as ameaças golpistas produzidas recentemente, reflectem o apoio em determinados sectores do poder militar, que poderiam continuar com as suas ameaças caso o processo nom caminhe polo caminho que gosta ao PP.

O PP e amplos sectores do PSOE tratam de caracterizar o processo como um mero procedimento de pacificaçom dissociado de qualquer lógica de resoluçom do conflito.

Isto acabará por virar-se contra eles, sobretudo em Navarra, onde o debate nom vai ser sobre o que se vai impor aos navarros, mas sobre se estes vam poder decidir em liberdade

O PNB pretende erigir-se como protagonista do processo de paz em Euskal Herria. O seu propósito é que o processo dure o máximo possível para desgastar assim a esquerda abertzale, à vez que se apresentarão às próximas eleiçoms autoproclamando-se como os condutores do processo de paz. Tentarão lograr que a mesa de negociaçom nom suponha um fortalecimento da esquerda abertzale e que as conquistas que dela deriverem sejam vitórias atribuídas à vontade do PNB por lograr a paz. O PNB teme de que a superaçom do actual marco político seja entendida pola sociedade como umha vitória da esquerda abertzale em geral e da ETA em particular, e tenderão apresentá-la como a sua derrota. Som conscientes de que este processo pode dar rendimentos eleitorais tanto à esquerda abertzale como ao PSOE

O PNB dos dous últimos anos derivou ainda mais para o autonomismo, tendo-se aproximado do PSOE, e tenta manter a sua gestom e os seus negócios permanentes.

ENCE, tem soluçom?

XAN DURO

UMHA COUSA FICA CLARA: A ENCE TEM QUE SAIR DA SUA ACTUAL SITUAÇOM. A RECUPERAÇOM DA RIA DE PONTE VEDRA E DA QUALIDADE DE VIDA DOS SEUS E DAS SUAS HABITANTES ASSIM O EXIGE. ORA BEM, PARA ONDE? EM QUE CONDIÇONS?

A ENCE é só um exemplo mais do que a combinaçom de imoralidade empresarial, incompetência político-administrativa, desprezo polo povo e falta de planificaçom tem significado para o desenvolvimento económico e territorial da Galiza. Mediante a situaçom e dimensionamento de umha empresa consegue-se estragar umha parte muito importante dos montes galegos por causa do monocultivo de eucalipto, poluir umha ria enormemente produtiva até limites qualificados como delito ambiental por sentença judicial firme, desfazer com recheios umha das margens da ria de Ponte Vedra, afogar duas cidades com as suas emissões e converter-se num problema de complexa soluçom para o conjunto da Galiza.

Porque umha cousa fica clara: a ENCE tem que sair da sua actual



situaçom. A recuperaçom da ria de Ponte Vedra e da qualidade de vida dos seus e das suas habitantes assim o exige. Ora bem, para onde? Em que condiçons?

Nas últimas semanas temos seguido com atençom as notícias sobre o conflito na Argentina pola instalaçom de duas papelarias, umha delas da ENCE. Hoje

em dia, às grandes empresas, é-lhes mais barato transferirem-se para países com umha legislaçom ambiental mais laxa do que instalar os custosos equipamentos que precisariam para o cumprimento das normas no seu país de origem. Mas, é isto ético? Umha das faces da injustiça no mundo é a injustiça ambiental. O facto de

que Ocidente deslocalize as suas indústrias mais poluentes para afastar os prejuízos, ainda que sejamos os maiores consumidores de derivados da celulose, é absolutamente contrária à justiça ambiental.

Entom, qual é a soluçom? Um dimensionamento ajustado: A economia de escala neste caso

gera prejuízos de escala. A aplicaçom de medidas de controlo da poluiçom estritas som mais fáceis com volumes médios de produçom. Umha situaçom racional: instalaçom num lugar onde os impactos forem mínimos, afastado de núcleos de povoaçom e tendo em conta todas as variáveis referidas a ventos dominantes, hidrologia, etc. Um sistema de produçom limpo, substituindo processos com substâncias tóxicas por outros de menor impacto e com parâmetros de emissões mais estritos dos estabelecidos pola legislaçom. E finalmente, mas nom menos importante, umha populaçom responsável, consciente de que o seu modo de consumo está na base dos problemas surgidos ao redor destes grandes complexos industriais, estando na sua mao mudar em grande medida estes hábitos e assim contribuir para solucionar os seus impactos.

EM DADOS...

As dimensoms de ENCE

- **Produçom total.** Mais de 1.000.000 de toneladas de celulose anuais nas diferentes fábricas. 365.000 em Ponte Vedra.
- **Exportaçom.** 90% da produçom.
- **Produçom eléctrica.** 1.233.200 Mwh. por biomassa e gás natural.
- **Percentagem de alergólogos.** 10 vezes superior em Ponte Vedra que à média das cidades de populaçom semelhante.
- **Elementos contaminantes.** Mercúrio, chumbo e outros metais pesados.
- **Árvores cortadas na Galiza.** 6.500.000 m³ de madeira com còdea cada ano, quase todos pinheiros e eucaliptos.
- **Sector madeireiro.** produz 60% dos tabuleiros do Estado, 40% da madeira de serraçom e 20% da pasta de papel.
- **Origem.** Em 1956 é promovida por decreto. No Outono de 1962 a fábrica já está construída.
- **Dimensoms da fábrica.** 612.500 metros quadrados, umha parte dos quais som da auxiliar Elnosa.
- **Despejos na ria.** 77% de origem industrial. 75% deles procedem da ENCE e Elnosa.



PROJECTO GLOBAL

projectoglobal.com





A FUNDO

A nova localização de ENCE não evitará os problemas de poluição nem a sua incidência na massa florestal

A JUNTA E O GOVERNO DE MADRID APOIAM À CELULOSE PERANTE AS DIFICULDADES PARA INSTALAR UMHA NOVA CENTRAL EM URUGUAI

A chamada Empresa Nacional de Celulosas é a primeira proprietária europeia de bosques de eucalipto, líder na Europa e segunda fornecedora mundial de celulose procedente desta árvore. Em 2004 obteve 48,75 milhões de euros em benefícios líquidos, a partir de uma quota do mercado europeu superior a 20% e com os olhos postos na América Latina, onde ultima os preparativos para abrir uma nova grande fábrica. A oposição da cidadania uruguaia e a administração argentina ao novo projecto da ENCE é, no entanto, contundente. E na

Galiza, o litígio encenado entre BNG e PSOE espera encontrar uma solução de consenso para uma transferência anunciada, que se entende imprescindível para regenerar a ria, mas poderia implicar enormes custos ao governo autonómico se assumisse o seu financiamento. Em frente, uma poderosa e rentável companhia que lucrou condicionando o desenvolvimento florestal do País mediante a massificação das plantações de eucalipto e que só pôde executar os seus planos com a conivência de sectores inseridos na rede de poder.

P. ALONSO - C. BARROS/A mudança de localização da Ence foi uma das primeiras promessas que lançou o Executivo autonómico como ponto forte do seu programa de governo. A disposição manifesta dos partidos no poder não esteve isenta de confrontos entre representantes dos diferentes sectores em relação à sua nova localização e o procedimento para levá-lo a cabo. O mês de Abril foi assinalado como limite para que as conselhas implicadas entreguem os relatórios necessários para adoptarem decisões. Tanto o titular da Indústria, Fernando Blanco, como o do Ambiente, Manuel Vázquez, afirmam que a transferência vai ser efectuada. O polígono industrial de Barro-Meis perfila-se como um dos destinos possíveis para a instalação da celulose, entre outras alternativas em diferentes pontos do País. No centro do debate interno está também o financiamento de uma operação que se prevê venha a custar por volta de 500 milhões de euros. Enquanto está por decidir se a Junta assumirá o seu pagamento, esta possibilidade suscita numerosas críticas por parte de sectores ambientalistas e sociais tradicionalmente contrários à defesa institucional da ENCE. Um biólogo especializado em celuloses argumenta que isto implicaria "premiar uma empresa que leva mais de quarenta anos delinquindo e estragando a ria de Ponte Vedra".

Esta mesma fonte aponta que "ninguém minimamente informado acredita na viabilidade de uma transferência, que literalmente implicaria desmantelar as actuais instalações e transferir a maquinaria para manter a capacidade e o processo produtivo", mantendo assim os níveis de contaminação. "A única possibilidade real para viabilizar a mudança prometida seria a construção de uma fábrica totalmente renovada", em palavras do especialista consultado.

Param-lhe os pés no Uruguai

A corporação ENCE quer avançar no processo de expansão internacional com a implantação de uma nova central na cidade uruguaia de



No centro do debate sobre a nova localização está também o seu financiamento, que se prevê venha a custar por volta de 500 milhões. Enquanto está por decidir se a Junta assumirá o seu custo, esta possibilidade suscita numerosas críticas

Fray Bentos. Porém, a oposição local de ambientalistas e vizinhança, junto com a pressão da província argentina de Entre Ríos -as instalações situam-se numa zona fronteiriça- forçaram a recente paralisação das obras por parte da celulose espanhola e a finlandesa Botnia, que possuem em conjunto 110.000 hectares de eucaliptais em Uruguai, quase na mesma proporção e através das sociedades Eufores e UPM-Kymmene respectivamente. Agora, as empresas aguardam a resolução dos litígios abertos, enquanto o governo uruguaio parece estar a apoiar decididamente os projectos industriais. No fecho desta edição um representante do Sindicato da Construção de Uruguai anunciava que as obras de Botnia e Ence iam ser reanunciadas o 18 de Abril.

Nas propostas de ambas as companhias solicitava-se produzir 1.500.000 toneladas por ano de celuloses, que lançariam para o rio Uruguai 120 milhões de metros cúbicos anuais de resíduos, segundo se deduz de cálculos estimados na produção de celuloses de tipo ECF

Juan Luis Arregui passou a ser presidente de ENCE após a compra de um novo pacote de acções. O seu capital junto com o dos 'Albertos' supom o controlo das decisões empresariais

Em Setembro de 2005 o governador de Entre Ríos (Argentina), junto com organismos sociais dos países afectados e quarenta mil assinaturas individuais, apresentavam uma denúncia perante o Banco Mundial para deterem o financiamento do projecto, da qual resultou a anulação da Avaliação de Impacto Ambiental efectuada por não cumprir os mínimos requeridos e executar um processo de informação e

consulta deficiente. No entanto, a aliança da ENCE com os poderes políticos da administração autonómica serviu-lhe para que Manuel Fraga se entrevistasse, junto com um selecto grupo de empresários, com Tabaré Vázquez, para atar o projecto da celulose pouco antes das eleições, ou para que o próprio Tourinho defendesse no Uruguai a vinculação directa da empresa com a comunidade galega e os seus supostos benefícios. A eles uniu-se noutra ocasião o ministro dos Negócios Estrangeiros, Miguel Ángel Moratinos, ao qual o presidente da Deputação de Ponte Vedra, Rafael Louzán, reclamava o mesmo compromisso com a ENCE na defesa da planta de Lourizán.

A engrenagem empresarial

A que fora uma das companhias estatais mais rentáveis entrou no núcleo de empresas privatizadas pelo governo Aznar na década de 90, num processo denunciado em 2005 pelo Tribunal de Contas, dado que o coordenador global da venda parcial, o entom BSCH, exercia as funções de assessor, anulando assim a sua

necessária objectividade. Já em 2001, ano da privatização total, Caixa Galicia assumia o controlo da celulose, onde iria incrementando o seu poder até conseguir uma percentagem superior a 18%, o que lhe permitiu dirigi-la junto com outras alianças e situar como presidente o próprio José Luís Méndez. Nom obstante, no Outono do ano passado a corporação financeira começou a desprender-se de importantes segmentos do seu corpo de accionistas e ficou em 10,04% das acções, enquanto emergia o poder de Juan Luis Arregui, que possui já o 12,52% através da sociedade Retos Operativos XXI após a recente compra de parte do accionariado que mantinha Bankinter. Conselheiro de Iberdrola e Gamesa, empresa da que é co-fundador, Arregui era vice-presidente de ENCE desde Março e converteu-se o passado 12 de Abril no seu máximo mandatário após a obrigada renúncia de Méndez. De forma paralela cresceu a presença dos conhecidos Alberto Cortina e Alberto Alcocer, que incrementaram a sua presença accionarial nos primeiros dias de Abril comprando boa parte das acções que mantinha Bankinter e convertendo-se nos primeiros accionistas da companhia com 12,57%. Com estes dois poderosos grupos empresariais à frente, ENCE adquire um perfil mais agressivo de cara às negociações com a Junta. E com presença significativa no capital da ENCE também estão Cajastur, diferentes caixas e bancos, sociedades de carteira, imobiliárias e personagens como Alicia Koplowitz, que dispõem de uma percentagem de acções sem determinar nos registos consultados.

Os tentáculos da ENCE atingem um bom número de empresas da sua propriedade, criadas por ela ou compradas. Entre elas destaca Norte Forestal SA (NORFOR) e principal fornecedora de madeira, Ibercel Celulosa SL, Celulosa Energía SL, Celulosas de Asturias SL, Silvasur Agroforestal SA, para além de outras sociedades internacionais, como Eufores ou o asseadoiro uruguaio Southern Cross



NORFOR utiliza indiscriminadamente ervicidas como o glifosato nos seus plantios. Na foto superior, vegetação seca polos ervicidas em Coto Moinho. Na inferior, Dolmen conhecido como Arca da Piosa, no mesmo prédio ubicado em Zás



Após 2 ou 3 turnos de produção, NORFOR procede à 'aireaçom profunda da terra', modificando a topografia. Em ausência de cuberta vegetal protectora, origina processos de perda de solo por arraste

ENCE dispujo do apoio decidido da administração Fraga e continua a receber o amparo do Estado e o governo autonómico, que prepara um processo de transferência partindo da premissa de nom lesar os seus interesses

Timber, do qual possui um 53%. Entre os seus principais aliados destaca o Grupo Nogueira, proprietário dos estaleiros de Marim e da concessom do serviço de estivaçom e desestivaçom do porto, e a empresa Explotaciones Forestales de Galicia, SL, que nutre a fábrica de Louriçám. O seu grande negócio está no transporte marítimo, onde declarou rendimentos por um valor superior aos vinte milhons de euros em 2004, através da empresa Ceferino Nogueira SA.

Apoios necessários

Os apoios institucionais fõrom o trunfo com que contou a empresa para continuar a crescer após a sua plena privatizaçom. Se bem que tivesse que enfrentar umha condenaçom por delito ambiental com o processamento dos seus dirigentes em 2001 e visse anulado o projecto de papelreira na localizaçom actual, a ENCE dispujo sempre do apoio decidido da administração Fraga e continua a receber o amparo do Estado e o novo governo autonómico, que prepara um processo de transferência partindo da premissa

de nom lesar os interesses da celulose e de manter o seu nível de produçom, algo que traz consigo necessariamente poluiçom. Desde a sentença de 2001 a celulose empreendeu umha política de lavado de imagem, conhecida no âmbito da mercadotecnia como 'green-washing', mostrando-se publicamente como agente activo na cidade e defensora do ambiente. Para isto financiou importantes campanhas publicitárias nos meios de comunicaçom, patrocinou equipas desportivas e situou anúncios promocionais nos principais pontos da cidade. Estas tácticas, junto com umha política salarial generosa com os trabalhadores, a utilizaçom de sindicatos como CCOO e UGT, que "defendem os interesses patronais", e umha "CIG domesticada e discrepante com o BNG", segundo fontes críticas, som o aval da defesa desta indústria, que tem acesso aos principais recursos do poder e pretende manter a sua posiçom mediante estratégias de propaganda e pressom empresarial.

O sector está ao seu favor e solicita novos espaços. No passado ano o chamado 'Clúster da Madeira da Galiza' chamava a potenciar mais o eucalipto na Galiza para converter a massa florestal na primeira produtora de madeira para laminar, nesta ocasiom, destinada à construçom. E da parte da ENCE, o director geral de NORFOR Ricardo Llorente Morales chamava recentemente a baixar os preços da madeira produzida no País, advertindo que o produtor galego cobra o mesmo preço que pagariam pola matéria prima nas fábricas do Brasil e Uruguai. Llorente anima investidores e proprietários a unificarem terrenos promovendo plantaçom maciças, que considerou recentemente "muito mais rentáveis do que um banco" para quem se dedica à produçom florestal.

NORFOR: a fornecedora de eucaliptos

Para umha fábrica das dimensoms de Celuloses de Ponte Vedra, o fornecimento de um volume suficiente de madeira converte-se numha prioridade. Desde a entrada em funcionamento no ano 1963 até a actualidade, a ENCE soubo sempre adaptar-se à realidade em constante mudançom do panorama da produçom florestal, desenvolvendo mecanismos cada vez mais seguros para garantir os objectivos de produçom. Umha das primeiras mostras desta capacidade foi a natureza da matéria prima. Se num princípio começou fabricando pasta de celulose a partir de madeira de pinheiro, anos depois mudaria o seu sistema produtivo, abastecendo-se com madeira de eucalipto, espécie que começava a ser espalhada polo País devido ao seu excelente rendimento e facilidade de propagaçom espontânea. Outra prova dessa facultade foi a de aproveitar as estruturas empresariais existentes. Desde a sua instalaçom um dos agentes estratégicos do funcionamento da ENCE foi o empresariado que lhe servia a madeira em Louriçám. Nesse empresariado salienta Ceferino Nogueira, fundador primeiro de Maderas Nogar e, mais tarde, de Explotaciones Forestales de Galicia S.L., empresa referencial para o provimento de madeira para a ENCE. De facto, Ceferino Nogueira conseguiu levantar o empório do seu grupo de empresas através de privilégios no uso do porto de Marim e outros portos galegos que empregou para a descarga de mercadorias graças às suas relaçom e aos seus serviços à celulose de Ponte Vedra. Após 30 anos de 'entrega e dedicaçom', recebeu a medalha Castelao em 2004, o mesmo ano em que foi

NORFOR ocupa-se de garantir umha parte significativa do volume de madeira de eucalipto que precisa a ENCE em Ponte Vedra. Actua em 158 prédios na Galiza

condecorado com a medalha ao mérito no trabalho entregue polo governo estatal.

Outro momento na história do abastecimento de madeira à ENCE foi a criaçom em 1977 da sua filial Norte Forestal SA (NORFOR), que a partir desse momento, e aproveitando as facilidades para fazer-se com a propriedade de numerosas parcelas de antigos montes comunais, ocupa-se de garantir umha parte significativa do volume de madeira de eucalipto que precisa a ENCE em Ponte Vedra. NORFOR desenvolve actividades silvícolas intensivas que procuram obter o máximo rendimento dos plantios de eucalipto. Na actualidade actua em 158 prédios na Galiza e outros 48 nas Astúrias, ademais de gerir 53.000 hectares no Uruguai. Nestes prédios, a citada empresa aplica os princípios mais agressivos da silvicultura industrial e nom duvida em empregar indiscriminadamente herbicidas de elevada toxicidade, como o glifosato, mesmo à beira de regos e cursos de água, ou por

cima dos mananciais que fornecem os poços de numerosas aldeias, facto denunciado pola Sociedade de Caçadores de Róis nos montes de Rei Bom e Vilar do Abade (La Voz de Galicia, 01-10-2005). Ainda, os trabalhos silvícolas implicam a periódica remoçom em profundidade das terras florestais, depois de se recolher a madeira, com o fim de arejar e renovar a capacidade produtiva do solo. Estas práticas supõem em muitas ocasioms a apariçom de graves processos erosivos, frequentemente na proximidade de rios, como o Tambre no caso do prédio que NORFOR possui no Vachao, em Santiago de Compostela.

Para mitigar a imagem negativa dos plantios de eucalipto, NORFOR recorreu às entidades certificadoras para que lhe concedessem a etiqueta de sustentabilidade. Em 2002 a Pan European Forestry Certification PEFC, umha entidade ligada ao florestalismo mais agressivo, concedeu-lhe o seu reconhecimento apesar de infringir vários dos seus princípios e requerimentos ambientais. Em 2004, o FSC, Forest Stewardship Council, entidade teoricamente mais conservacionista, apoiada polo World Wildlife Fund, também lhe reconheceu o seu 'mérito' ambiental, após umha auditoria mais do que questionável. Esta entidade aprovou um protocolo específico de certificaçom para plantios industriais que permite que se lave a imagem de centos de milhars de hectares de eucaliptais na Indonésia, no Chile, na Tailândia ou mesmo na Galiza. Este facto verifica que a capacidade de infiltraçom das celuloses atinge também o conservacionismo ambiental.

Umha aposta decidida a favor do progresso florestal da Galiza

PEDRO ALONSO

REVELA-SE A IMPOSSIBILIDADE DE FAZER QUADRAR O MODELO ACTUAL, COM O PAPEL PREPONDERANTE DA ENCE E AS OUTRAS EMPRESAS, COM UM MODELO FLORESTAL E INDUSTRIAL DIVERSIFICADO QUE PROCURE, ADEMAIS, A COMPATIBILIZAÇOM DAS TRÊS FUNÇOM DO MONTE (PRODUTIVA, AMBIENTAL E RECREATIVA)

Para radiografarmos o sector florestal galego e os problemas ambientais associados, devemos efectuar umha análise em duas escalas. Na primeira definiríamos as condições e características do meio natural, a disponibilidade e acessibilidade aos mercados das diferentes matérias primas - a estrutura produtiva de base - e as possibilidades de diversificação das produções em funçom destes factores. Noutro plano deveria abordar-se a caracterização da indústria, quais som os domínios e tendências industriais preponderantes no sector, em que situaçom se encontram as empresas de transformaçom e que peso tenhem na ocupaçom laboral e no valor acrescentado criado, quais som as suas eivas e potencialidades e que incidência, positiva ou negativa, tem a calamidade dos incêndios, o empobrecimento demográfico e o abandono dos montes no seu ciclo produtivo.

Evidentemente, este nom é o espaço para descrevermos estes parâmetros. Apontaremos, porém, que a situaçom se caracteriza pola verticalidade e subordinaçom do monte à indústria, pola segregaçom espacial das múltiplas funçoms daquele, pola procura do 'curtoprazismo', com a marginalizaçom das espécies autóctones do sistema produtivo, e polo absoluto domínio das espécies de crescimento rápido nas operaçoms de compra e venda de madeira. Tudo isso num entorno físico multifragmentado ao nível da propriedade, que dificulta o desenvolvimento de umha política florestal de longo alcance. A nível industrial, a facturaçom está concentrada mormente nas empresas de trituraçom da madeira (fábricas de tablei-

ros e de celulosa), a serreria está em declínio e a elaboraçom de móveis é secundária e encontra-se estancada. Isto favorece umha realidade polarizada. Por um lado, impulsiona-se a florestaçom maciça com espécies de rápido crescimento (entre 1941 e 1973 florestáram-se mais de 320.000 h., praticamente todas com pinheiros e eucaliptos; entre 1986 e 1998, coincidindo com o 'florestalismo' depredador do PP, a superfície de massas puras de eucalipto passou de 36.384 a 174.210 hectares; e entre 1983 e 1997, o esforço investidor em frondosas distribuiu-se em 93% para plantios de eucalipto e o restante para outras frondosas autóctones). Por outro, assistimos à maciça e paulatina corta de carvalheiras e bosques autóctones (por exemplo, na parcelária de Vilar de Santos, concelho curiosamente governado polo nacionalismo, fõrom arrasadas dúzias de hectares de árvores centenárias que se vendêrom ao desbarato a especuladores da madeira que as levãrom para as fábricas de móveis de Valência).

Umha situaçom acompanhada, ademais, por umha problemática ecológica de gravidade extrema, na qual o lume e as práticas silvícolas intensivas conduzem os nossos montes à perda de biodiversidade, à erosom, ao empobrecimento edáfico e à simplificaçom produtiva.

De umha perspectiva nacional, é evidente que esta realidade florestal se interpreta como produto de umha imposiçom de carácter colonial e como resultado do triunfo da silvicultura industrial e da filosofia vertical do binómio monte-indústria. Nunca se tivo em consideraçom o valor estratégico da nossa paisa-



Manuel 'Pachi' Vázquez, Conselho do Ambiente, Pérez Touriño e Fernando Blanco, de Indústria, protagonizam o debate sobre a futura situaçom da central



Francisco Franco na inauguraçom da central de Lourizã. Por trás dele, Filgueira Valverde, entom Presidente da Câmara de Ponte Vedra, que se tinha oposto ao projecto

gem e dos nossos bosques, e se se tivo, foi precisamente para despojar-nos dos elementos identitários em que se sustém e reproduz a nossa resistêcia à assimilaçom. Hoje, a recuperaçom dessa paisagem e desses bosques tem umha importãcia estratégica para fortalecer a nossa consciêcia nacional e

consolidar a confiança nos modelos autocentrados de desenvolvimento.

Por isso, num momento de mudançom política como este, revela-se a impossibilidade de fazer quadrar o modelo actual, no qual salienta o papel preponderante da ENCE e as empresas de desintegraçom, com um modelo florestal e indus-

trial diversificado que procure, ademais, a compatibilizaçom das três funçoms do monte (produtiva, ambiental e recreativa). Torna-se absolutamente necessária a relegaçom da fabricaçom de celulose e papel a um estrito segundo plano, em funçom das necessidades reais de consumo da nossa terra, e o fomento de umha iniciativa estratégica de capital misto e de interesse público, que garanta umha produçom limpa, o fecho do ciclo do papel e a sua imbricaçom numha política mais ampla onde estas produçoms nom sejam mais que umha parte do amplo leque de possibilidades integráveis nos nossos montes.

Isto implicaria recuperar de umha vez a filosofia do projecto florestal de 1939 de Ceballos e Ximénez de Embún, que pretendia alcançar a integraçom horizontal dos três usos do monte, diversificando as produçoms em funçom das potencialidades das terras. É evidente que isto implicaria um esforço técnico, humano e orçamental ingente, que deveria mobilizar vontades políticas além das nossas fronteiras (UE, especificamente). Ao mesmo tempo, é óbvio que a persistêcia da ENCE e do modelo florestal que a sustém, ainda que seja deslocando-a de sítio, só significará a perpetuaçom do modelo, que inclusive sairia reforçado se por detrás da transferêcia se esconde o incremento da capacidade produtiva e, portanto, a blindagem da produçom de madeira de rápido crescimento.

Nota: Como é prática habitual, a ortografia deste artigo, cujo original seguia as normas ILG-RAG, foi adaptada por NGZ com a autorizaçom do autor.

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 699 268 032

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Subscriçom + livro = 25 € 1 Ano, 12 números = 20 € Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

N° Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

REPORTAGEM

Iniciativas diversas para umha outra economia

A LUTA CONTRA OS INTERMEDIÁRIOS É UM DOS SINAIS DISTINTIVOS DESTE MOVIMENTO INCIPIENTE

ANTOM SANTOS/Da mesma maneira que noutros pontos do Planeta, a organização a favor de um outro modelo social e económico adopta na Galiza novas formas. Dúzias de activistas do movimento associativo ensaiam, no coração da sociedade do esbanjamento e a opulência, iniciativas e projectos para viverem de outra maneira. É isso possível? Para os representantes da cooperativa de consumidores 'Joaninha', em Trás-Ancos, "é plenamente factível com o consumo responsável, dado que consumimos mais vezes do que votamos". Para Raul Asegurado, membro da associação por um interesse solidário 'o Peto', "tudo começa por nom subvencionarmos os nossos piores inimigos: os bancos." NOVAS DA GALIZA oferece aos seus leitores e leitoras um retrato impressionista de projectos ainda desconhecidos para a maioria.

Nos dias de hoje, praticamente nom há cidade da Galiza onde nom se ponham em andamento projectos relacionados com umha outra forma de consumir, produzir ou distribuir. Sem mais vínculos entre si, na maior parte dos casos, do que a vontade de preservar a saúde colectiva, criar redes sociais que fujam dos grandes monopólios ou evitar a morte definitiva do agro e o triunfo da agro-indústria poluente. Como pano de fundo, o interesse por evitar a desaparición definitiva das aldeias e, com elas, de parte essencial da cultura da Galiza. Há quem vaia ainda além, pondo mesmo em causa a utilização do dinheiro e a dependência das finanças dominantes.

Um peto para os pobres

Dizem-nos n'o Peto que há que começar a considerar a riqueza como umha grande ameaça. Claridade e contundência pouco habituais nas chaves do nosso Primeiro Mundo, onde mesmo inúmeros membros de militantes e iniciativas populares pertencem aos sectores mais acomodados e esbanjadores da nossa sociedade. Esta afirmação pode dever-se porventura ao peso de activistas cristãos na associação, mas Raul Asegurado, um dos sócios, quer desmentir qualquer reducionismo: "o certo é que nos embarcamos neste projecto gentes de origens muito diversas, desde cristãos a nacionalistas - ou ambas as cousas a um tempo. Unenos o anti-capitalismo e as vontades de fazer cousas com resultados reais, como as relacionadas com a luta pola renda básica". Tudo come-



'A Joaninha', cuja loja vemos na foto, amplia em Ferrol a sua base de apoios beneficiando os produtores que resistem no rural da comarca de Trás-Ancos. "Constituímo-nos em Janeiro de 2005 e alcançamos os 90 sócios e sócias", comentam.



A luta contra os intermediários é um dos sinais distintivos deste movimento incipiente, como também a deslegitimação do consumo responsável como "moda"

Existem iniciativas de produção ecológica em Rairiz de Veiga ou no Condado; focadas ao consumo, a associação 'O Bandulho Ecológico' em Lugo, ou 'O Grelo Verde', em Verim. Em Compostela acabou de abrir a loja 'A Cesta da Saúde'. A cooperativa de consumo mais veterana e consolidada é 'Árvore, de Vigo

çou quando um grupo de pessoas com parecidas inquietações se reúnem para ensaiar um modelo de 'banca ética' ou 'banca solidária'. Com quotas mínimas de 60 euros, diz-nos Raul, "conseguimos já um capital de 18.000 euros, e pensamos aumentá-lo." Dedicam-se a fazer empréstimos sem interesse de três anos de duração para aquelas pessoas sem aval que nom podem aceder a um crédito da banca convencional. A decisão sobre os empréstimos corre a cargo de umha junta directiva formada por todos e todas as sócias, que tomam as decisões por maioria qualificada. Por enquanto, o balanço é positivo: "ainda nom fizemos outra coisa que pormo-nos a andar e já concedemos um crédito de 4.000 euros a um alvanel para que conseguisse umha carrinha para o trabalho". Ainda, Raul Asegurado diz-nos que é cedo demais para se fazerem valorizações concludentes: "veremos o que acontece. Ainda estamos a apresentar socialmente umha iniciativa sobre a que existe um grande desconhecimento. O projecto parece muito novo, mas

nom se diferencia demasiado das caixas de resistência que pugeram a andar anarquistas e socialistas no seu tempo."

Produzir no agro e consumir saúde

A maior parte dos projectos cooperativos postos a andar na Galiza dos últimos tempos nom tenhem nada a ver com a moda recém instituída da 'volta ao verde' e da 'conquista da saúde' promovida polos media e fornecida a preços desorbitados nas grandes áreas comerciais. De facto, a luta contra os intermediários é um dos sinais distintivos deste movimento incipiente, como também a deslegitimação do consumo responsável como 'mais umha moda entre tantas'.

Existem iniciativas de produção ecológica em lugares como Rairiz de Veiga ou o Condado, onde trabalha a cooperativa 'Horta do Condado'; focadas ao consumo, trabalham cooperativas como a associação de consumidores 'O Bandulho Ecológico' em Lugo, ou 'O Grelo Verde', em Verim. Em Compostela acabou de abrir a loja

'A Cesta da Saúde'. A cooperativa de consumo mais veterana e consolidada é 'Árvore, de Vigo. Funda-se em 2000 a partir dos restos de iniciativas anteriores. Para Alejandro Pérez, presidente da cooperativa, 'o futuro do projecto é promissor: fornecemos produtos a 60 núcleos familiares, isto é, por volta de 340 pessoas, com umha evolução regular desde a nossa fundação'. Para Alejandro, ficam claras motivações como a saúde ou a qualidade a preços razoáveis, mas nem só. Os princípios fundacionais de 'Árvore, recolhidos nos seus estatutos fundacionais, som tam nítidos como 'nom capitalismo, economia social, defesa do património etnográfico e cultural' ou 'construom de redes alternativas'.

É precisamente nas cidades, onde há décadas que se desintegraram as relações cara a cara e os circuitos de proximidade, onde os projectos estão a irromper com mais energia. Nom por acaso, 'a Joaninha' amplia em Ferrol a sua base de apoios, e fáno beneficiando os produtores que resistem no muito rural da comarca de Trás-Ancos. "Constituímo-nos em Janeiro de 2005 e alcançamos os 90 sócios e sócias", comenta-nos Xan: 'acabamos de abrir umha loja e há três pessoas trabalhando nela'. Para os membros da Joaninha, nom há umha só causa que poda explicar o surgimento de projectos como este: 'misturam-se sempre factores diversos: a vontade de manter o meio e a cultura do rural, o desejo de consumir saúde ou a vontade de criar alternativas puras e duras ao capitalismo costumam confluir'. Por isso umha grande parte das pessoas sócias participam ao mesmo tempo dos movimentos populares, e por isso de Joaninha descartam a criação de umha 'grande entidade cooperativa'. "Preferimos trabalhar na rede", comenta-nos Xan, "evitando formar um grande funil e favorecendo a auto-organização a partir da base".

Qual será o porvir destas e de outras iniciativas semelhantes? Difícil dizê-lo, ainda que pareça evidente que procedem da mesma inquietação sentida de maneira simultânea por gentes e sectores muito diversos. Nestes meses, um grupo de activistas de movimentos populares preparam a constituição de mais umha cooperativa de consumo em Compostela. O tempo dirá se, na Galiza, esta outra economia sobrevive como nicho marginal no capitalismo dominante ou abre umha corrente de seu que envolva multidões.



REPORTAGEM

Passando a raia

COLECTIVOS PORTUGUESES PROMOVEM INICIATIVAS SOLIDÁRIAS COM A GALIZA

Nos últimos anos, as iniciativas de aproximação galego-portuguesa ou luso-galaicas nom têmham passado de encontros esporádicos, dilatados no tempo e incapazes de servirem para um relacionamento fluído e para um mútuo enriquecimento das duas beiras do Minho. No

mês de Março deste ano, porém, na Galiza assistimos a umha avalanche de propostas chegadas de Portugal como nunca antes se tinha visto, todas elas com um comum denominador: provêmham do associacions de base, nom da oficialidade.

GERARDO UZ / "Galegos e portugueses nom devem ter as costas voltadas, nem devem ter intermediários a falarem por nós. Simplesmente devemos falar, entendermo-nos e desfrutarmos de umha cultura e de umha língua que bebem de fontes comuns, que som comuns". Com estas eloqüentes palavras referia-se o director do Portal Galego da Língua (PGL), Vítor M. Lourenço, a um evento que estava prestes a começar, a Semana da Galiza em Braga, encontro organizado entre os passados dias 18 e 26 de Março pola ATTAC Braga.

Como também salientou o Frontera Notícias na sua edição de Março, até a celebração deste acontecimento havia quase meia década que na capital da antiga Gallaecia nom surgiam iniciativas para aprofundar no relacionamento luso-galego. E se alguém em particular se comprometeu a fundo com esta ideia e deve receber reconhecimento individual polo sucesso conseguido, esse é Paulo Ruben Reis, habitual noutro tipo de actos similares - em Fevereiro de 2005 foi o anfitriom bracarense de um encontro entre visitantes do PGL.

O sucesso foi a todos os níveis, tanto em assistência como a nível de comunicação. Tal foi assim que a própria Rádio-Televisão Portuguesa (RTP) emitiu no seu Jornal da Tarde umha reportagem sobre o evento bracarense. Também outras publicações, nom apenas minhotas, dêrom informação sobre a Semana da Galiza organizada pola ATTAC Braga. A cobertura na Galiza foi essencialmente a de sempre, a dos meios próprios do reintegracionismo, jornais amigos como o diário digital Vieiros e, curiosamente, também a Rádio Galega, que entrevi-



O sucesso da Semana da Galiza em Braga produziu-se tanto em assistência como a nível de comunicação. A própria RTP emitiu no seu Jornal da Tarde umha reportagem sobre o evento. Na foto, Paulo Ruben Reis e Jorge Rodrigues Gomes

tou Ângelo Cristóvão (Associação de Amizade Galiza-Portugal), algo impensável há apenas uns meses.

Entre os conteúdos, um curso de culinária, projecções cinematográficas, lançamentos editoriais, apresentações do PGL e do dicionário Estraviz, conferências sobre a problemática lingüística. Neste sentido, deve destacar-se o debate inaugural, intitulado 'O movimento associativo como elemento de defesa da língua na Galiza', no qual participáram pessoas e colectivos muito diversos - por vezes enfrentados - como Carlos Callón (A Mesa), Teresa Carro (Movimento Defesa da Língua), Ângelo Cristóvão (AAG-P) e Bernardo Penabade (Associação Galega da Língua).

Jornadas da Galiza em Lisboa

Menos de umha semana após o encerramento da Semana da

Galiza, um colectivo de recente criação, a Associação de Solidariedade com a Galiza Gz.Pt, organizou em Lisboa as Jornadas da Galiza. A associação é formada por galegos residentes na capital portuguesa e por naturais da mesma, visando aproximar-se "da realidade cultural, social e política da Galiza", assim como "despertar o interesse pola Galiza como nação lusófona e a solidariedade com a luta do povo galgo pola sua autodeterminação".

Os organizadores calculam que por volta de um cento de pessoas assistiram a estas jornadas, dous dias nos quais tivêrom a oportunidade de assistir a projecções audiovisuais - como a série de curtas-metragens Há que botá-los ou a reportagem da RTP sobre a proposta do MDL contra a disgregação do galego-português na UE -

e palestras sobre a situação sócio-lingüística galega. Tudo isto, amenizado com música tradicional galega e menu composto por produtos do nosso país tais como o lacom com grelos, chouriços, empadas, filhós e um longo - e saboroso - et cetera. Tal foi o sucesso de público que a Gz.Pt falou já de organizar um novo evento no próximo 25 de Abril.

Iniciativas no Porto e em Coimbra

Mais lúdica que as anteriores - mas nom exenta de conteúdo - foi a Festa Galega que organizou em meados de Março a Assembleia Galego-Portuguesa do Porto, conjuntamente com Cão Danado & Companhia. O de 'festa' foi o nome genérico escolhido para um amplo leque de actividades encaminhadas, como no caso das iniciativas já comentadas, a fazer visí-

vel em Portugal de umha forma amena a 'questom galega'. Entre os convidados a este encontro estivo também o director deste periódico, Carlos Barros, e o redactor Moncho Marinho, que viajaram até a Faculdade de Letras do Porto para apresentarem o NOVAS DA GALIZA e dialogarem com o público sobre diferentes questons da actualidade galega.

Por outra parte, a Plataforma de Solidariedade Coimbra-Galiza, de recente criação, também encetou as suas actividades no frutifero mês de Março. Concretamente fijo-o com umha palestra intitulada 'Repressão no Estado espanhol: o caso do independentismo galego'. Esta associação autodefine-se como "um movimento aberto a todas as pessoas que acreditem e queiram ajudar a lutar pelo direito do povo galego a atingir a sua autodeterminação política, cultural e territorial negada e reprimida pelo Estado espanhol".

Também pretendem exercer um labor de "divulgação da cultura e língua galega, assim como das movimentações políticas na Galiza e da repressom exercida sobre os movimentos independentistas". De facto, no seu blogue (www.plataforma-coimbra-galiza.blogspot.com), que começou a andar neste mês de Abril, já noticiárom temas sobre as rádios livres, os símbolos nacionais galegos, a questom do nome do país - Galiza/Galicia - ou a detenção de militantes independentistas pola Guarda Civil.

Audiência Zero

Por outra parte, o colectivo português Audiência Zero, criou recentemente o seu projecto Eixo Norte. Esta associação, fundada em 2002,

Neste país, dar a cara sae caro

Colabora contra a repressom económica
2091 0395 21 3040001337

A Peneira
Xornal Galego de Información Xeral

A Peneira
Cabecelas Comarcais

A Peneira
do Condado/Paradanta

A Peneira
da Lourinha

RENOVAÇÃO

EMBAIXADA GALEGA
DA CULTURA

Apartado 24034 - 28080 - Madrid

anta
ede

Bar de Copas
Salvaterra de Minho



Participantes das Jornadas da Galiza em Lisboa. A Associação de Solidariedade com a Galiza Gz.Pt visa aproximar-se "da realidade cultural, social e política da Galiza", assim como "despertar o interesse pela Galiza como nação lusófona"



Marta Negro deu uma palestra sobre a situação sociolinguística da Galiza no quadro da programação das Jornadas de Lisboa

centra as suas actividades na coordenação e dinamização de actividades culturais, artísticas ou educativas. Até o momento já puiu em andamento umha escola de música, obradoiros de artesanato e projecções multimédia, entre outras iniciativas.

Neste sentido, Eixo Norte nasce como fruto do esforço de pessoas interessadas na Galiza, como Pedro Cadima, com o único intuito de incidir no relacionamento luso-galego através da divulgação de actividades artísticas tais como a música, o cinema e outras. Embora no fecho desta edição não tenham definida nenhuma acção concreta, na sua web (www.audienciazero.org/eixo) já informam de actividades conjuntas como a III Edição do Festival

da Tainha (Goiám) ou concertos em Vigo, Esposende ou no Porto.

Com toda esta variedade de actos, este dinamismo associativo, este interesse evidenciado desde além-Minho e a capacidade de convocatória demonstrada fica claro que o interesse nos temas galegos pode ultrapassar a retórica oficialista e manifestar-se em toda a sua expressão quando as iniciativas surgem na base, tendo como protagonista umha cidadania que descobre a descobrir-se. Recuperando de novo umhas palavras do Vítor M. Lourenço, "a oficialidade institucional já não é a única que marca o ritmo nas relações Galiza-Portugal", bem ao contrário, "talvez os movimentos sociais estejam a retomar, de uns anos para cá, umha lenta marcha

que acabará por conseguir o reconhecimento daquilo que ainda hoje é por vezes adulterado, calado e mesmo negado: a Galiza e Portugal".

Mais umha 'ponte nas ondas'

Como se da iniciativa de apresentar o património imaterial galego-português como bem da humanidade - Ponte... nas Ondas -, umha outra acção está-se a desenvolver através das ondas radiofónicas. Trata-se do programa Eurorregião Rádio, que se produz e emite em seis estações de rádio do Norte português - Vila Nova de Cerveira, Maia, Santo Tirso, Chaves, Valença e Braga.

Este programa realiza tarefas de divulgação do património tradicional galego-português, projectando e comunicando as afinidades históricas, culturais, sociais e lingüísticas indissociáveis dos habitantes da Galiza e do Norte de Portugal. A programação é composta, quase na sua totalidade, por reportagens, entrevistas e música tradicional das duas beiras do Minho.

No que di respeito ao último ponto, nestes momentos os produtores do programa estão a contactar com diferentes associações e agrupamentos que operam na Galiza para conseguirem umha maior divulgação dos fundos musicais próprios da Galiza, já que consideram Eurorregião Rádio como "um espaço privilegiado" para umha maior difusão deste tipo de trabalhos.



PAULO RUBEN REIS, MEMBRO DA ATTAC-BRAGA

"As relações entre povos devem surgir da sociedade"

NGZ/A.Semana da Galiza em Braga juntou na capital da região do Minho um interessante elenco de colectivos e projectos em torno do presente e do futuro da nossa língua e cultura na Galiza. Paulo Ruben Reis é membro da ATTAC Braga, a entidade organizadora deste evento, que partiu directamente da iniciativa de pessoas portuguesas. Aproximar a realidade galega e ultrapassar as barreiras interpostas entre povos fôrom os seus objectivos.

Porquê umha iniciativa deste tipo em Braga?

Fazemos parte do mesmo espaço geográfico e económico, e como a ATTAC é umha associação internacionalista, fai muito sentido que exista umha troca de ideias entre os movimentos sociais e associativos das duas margens do Minho. É umha questão de lógica. A Galiza em Braga é umha verdadeira desconhecida. Queremos criar umha dinâmica de recuperação das relações entre a Galiza e o norte de Portugal, especialmente no âmbito da intervenção cidadã.

Que achas mais interessante na Galiza de hoje?

Acompanho a realidade galega, a política e os movimentos cívicos. Acho que está a viver-se algo muito interessante a nível associativo e de participação cidadã, e acho que nós, em Portugal, deveríamos aprender neste âmbito. Os movimentos sociais estão verdadeiramente mal. Existe um movimento associativo antigo que parte da I República, e esse mantém-se, embora perdesse

dinamismo, mas os novos movimentos que surgem no mundo ainda não arrancaram em Portugal.

Que fai falta para ultrapassar as fronteiras mentais e estatais?

Da parte do governo português não há vontade de relacionamento nem de abertura: Portugal é o país mais centralista da Europa. Seria necessário descentralizar o país e aproveitar as potencialidades de cada área, no nosso caso permitiria criar novas dinâmicas. A relação entre os povos deve surgir da sociedade civil. Estas relações não se fazem por decreto, tem que ser a sociedade civil a fazê-lo.

Quais os vossos objectivos?

A Semana da Galiza pretendeu ser mais um modesto contributo para promover este relacionamento necessário, fomentar o conhecimento mútuo. Na nossa posição periférica, acho que só mesmo juntos é que poderemos avançar. E alguma coisa há de sair daqui, não sei o quê exactamente, mas este tipo de encontros sempre dá frutos.

galizalivre.org
O portal da Galiza em Internet

o pichel
centro social
rua santa clara, 21
compostela

cachan
9 de outubro 16



CULTURA

Polémica demissom de Ánxeles Cuña como directora do CDG

Luis Bará afirma que Manuel Guede dirixiu o Centro Dramático Galego durante treze anos “de maneira ilegal”. A nomeaçom de Cristina Domínguez amaina o temporal

ANDRÉ RIOS / Se se escrevesse umha crónica da história do teatro público na Galiza, haveria quem lhe tivesse posto por título ‘O Centro Mui Dramático Galego’. Este é o nome de um artigo que assinou a actriz Mabel Rivera na página Galicia Audiovisual, depois de que o dia 9 de Março a directora do centro, Ánxeles Cuña, apresentasse a sua demissom. A Conselheria da Cultura, que dirige Ánxeles Bugallo, via-se, a seis meses da nomeaçom da pessoa a que se tinha confiado a transformaçom do CDG, envolvida numha polémica que levantou a voz de alarme no teatro galego. A que até a nomeaçom era a directora de Sarabela Teatro, demitia após quase um mês de negociaçom para conseguir que a Conselheria cumprisse a única condiçom que, segundo reiterou em várias occasions, pujo para gerir o teatro público. No sector manifestavam logo decepçom por se ter demitido sem desenvolver o novo programa umha pessoa em quem depositaram grande confiança. A nomeaçom de Cuña tinha sido, de facto, mui bem acolhida polos profissionais. O Director Geral de Promoçom e Difusom Cultural, Luís Bará, anunciava que nom se podia reservar o destino de docente em Ourense e ao mesmo tempo – e dado que a situaçom do anterior director era a mesma: docente em comissom de serviço – que Manuel Guede estivera a cargo do CDG durante treze anos “de maneira ilegal”. Um homem que durante esses anos nom estivo isento de polémicas: fijo questionar o papel do centro público, foi acusado de concorrer com as companhias privadas e levantou fortes críticas co-produzindo e dirigindo com o



Cristina Domínguez (esq.) substituí Ánxeles Cuña (dir.) na direçom do CDG

Centro Dramático Nacional *Los Viejos No Deben de Enamorarse*, que chegou a representar-se na Galiza. Alguns profissionais começom a falar de conspiraçom e de cessom em vez de demissom no caso de Ánxeles Cuña; outros questionom um abandono que, se fosse polos motivos expostos pola Conselheria, deveria transcender para além de umha nova nomeaçom, já que durante treze anos o que pedia Cuña sim fora possível. Os dias que se seguim à demissom deixom na já referida página de um colectivo de profissionais (Galicia Audiovisual) um feixe de comentários: “raro, raro, raro”, “grande barota”, “um adeus com desgarrro” ou o pedido aos políticos de “umha explicaçom e mesmo a reposiçom de um projecto que durante estes meses foi capaz de estimular a maior parte do sector” como apontava Rubén García, Director da Mostra de Teatro de Riba d’Ávia.

A nomeaçom de Cristina Domínguez, que dirigia Factoria Teatro, como nova responsável, amainou a tormenta. Roberto Leal, um dos actores que participam em *Illa Reunión* (a



montagem do CDG que dirige Ana Vallés e que junto com *A Cabana de Babaigá*, realizada e interpretada por Paula Carballeira, conformam o total das obras que o centro estreou sob o mandato de Cuña) escrevia “passou o susto... era umha de fantasmas de Kafka em versom sub-género?”.

A nomeaçom de Cristina Domínguez foi interpretada pola crítica como umha boa opçom para que no teatro saísse de novo o sol. A polémica que se levantou serviu para demonstrar o apoio dos profissionais a umha mudançom radical no CDG. Aliás, as montagens estreadas tivom e están a ter um bom acolhimento. *Illa Reunión*, depois de um mês no Salom Teatro de Santiago, em que recebeu mais de mil espectadores, começom umha digressom que a levará durante dous meses a vários pontos da Galiza e *A cabana de Babaigá* está a ensinar a muitas crianças o que é a estepe russa.

Aguarda-se agora a apresentaçom do projecto de Cristina Domínguez como responsável polos desígnios do teatro público.

Os melhores documentários de 2005 no Play-Doc de Tui

ANTIA RODRÍGUEZ / O que fai do Play-Doc de Tui um festival algo estranho nom é o facto de apenas se exibirem documentários, já que este é um género que está agora em auge; o raro é que tudo esteja organizado por umha associaçom cultural de moços e moças da vila, que nada temem a ver com a administraçom, a câmara municipal ou qualquer cousa assim. *Enfoques* é a associaçom formada há um ano para organizar o primeiro Play-Doc ‘na vila fronteiriça’ de Tui, e, em tam pouco tempo conseguiu criar um festival de grande qualidade que serve como plataforma de exhibiçom aos melhores trabalhos documentais feitos nos últimos anos.

O que acontece sempre que nascem este tipo de projectos, é que o género documental fica esquecido, porque parece mais singelo fazer um festival de ficçom ou de animaçom para assegurar um público e subvençom da Junta. Mas no Play-Doc trabalha-se para que Tui se converta numha janela através da qual olhar o mundo, aproximando realidades às vezes alheias. Ainda que apareçam muitos logótipos da administraçom ou de grandes marcas comerciais, o dinheiro, asseguram, é pouco. Dos tapetes das entradas à imensa base de dados de documentalistas, tudo está feito polo pessoal de *Enfoques*, num trabalho continuado que começom em Junho e que terminou em Março do ano seguinte. Cumpre dizer que temem um local perfeito: todo o Teatro Municipal da Área Panorâmica para fazerem as projecçom, mas também que as ajudas do Câmara Municipal de Tui som poucas e às vezes mal encaminhadas. Na passada ediçom, o presidente da Câmara municipal, o ‘popular’ Rocha, e os seus vereadores da Cultura, censuram o fotograma de um filme em que aparecia umha mulher despida, para o incluir na revista municipal de cultura. Mas este



Sara García e Ángel Sánchez som os organizadores de Play-Doc

ano transigim com algumha das actividades programadas em Tui para continuar a festa, como os Dj’s, os Vídeo J’s e, sobretudo, o grupo de travestis da cena underground norteamericana, *All The Pretty Horses*.

Neste segundo Play-Doc, que a imprensa qualificou de ‘alto nível’, concorrerom 13 filmes que passarom por umha peneira bem fina, já que chegarom a Tui cerca de 353 documentários de 44 países diferentes. Na secçom oficial competitiva havia duas categorias, a de curtas e a de longa-metragens; o filme ganhador da primeira foi *Po Cud* (‘Por um milagre’), do polaco Jarek Sztandera, e a longa-metragem ganhadora foi *Georgi i Peperudite* (‘Georgi e as borboletas’), do búlgaro Andrey Paounov. A primeira narra a viagem infernal de um grupo de pessoas deficientes que desejam ir da sua vila da Polónia a Lourdes, em França, à procura de um milagre. Na longa-metragem conta-se a história de um psiquiatra búlgaro cujo sonho é organizar umha granja no seu centro para que os pacientes podam criar caracóis, avestruzes, faisãs... e produzir seda e pam de soja.

Ademais, no Play-Doc há umha secçom especial para documentários em língua galega ou portuguesa que ganhou o filme brasileiro *A pessoa é para o que nasce*, de Roberto Berliner; vários prémios e mençom da própria organizaçom e um concurso de ediçom, o obradoiro *Xpréssate*.



CINEMA

Alberte Pagán, à margem do convencional

RAMIRO LEDO / Os filmes de Alberte Pagán (Carvalhinho, 1965) vam à margem do convencional, se calhar porque o cinema convencional é umha fábrica de desatenção, de alienação mediante a imagem, que nos apampa com a ilusom de que tudo o que há é o que vemos na tela. Estudioso e apaixonado do cinema experimental e de vanguarda, é o responsável pola programação de cinema experimental do Laboratório de Movimentos (Compostela). Ademais de vários artigos sobre cinema, tem dous livros publicados e um para sair do prelo verbo dos filmes de Andy Warhol.

O vindouro dia 9 de Maio o Cineclub de Compostela projecta-lhe *Como Foi o Conto* (2004) e estreia pola primeira vez em público *Conversas em Zapatera* (2002), um filme que fijo entre 1996 e 2002 ao abeiro de umha comunidade sandinista na Nicarágua.



Pagán estreia em Maio *Conversas em Zapatera*

Quando te deslocaste à ilha de Zapatera, foste filmar ou foste e depois aproveitaste para filmar?

O de filmar era umha ideia que tínhamos em conta, mas de facto eu cheguei ali com umha brigada do COSAL (Comité de Solidariedade com a América Latina) sem câmara; depois, outro rapaz trouxe umha. Tratava-se de gravar todo o possível. Algumha ideia sim havia, porque há, por exemplo, muitos rostos que sim que me interessava filmar em pormenor... E logo três entrevistas que tivemos ali com três pessoas que som as que aparecem de banda sonora no filme. Em Zapatera nom havia electricidade e havia um problema para carregar a câmara. Só tinham um pequeno motor que funcionava com gasolina e utilizavam para ver TV quando acabavam de trabalhar ou também quando ali se juntava

toda a aldeia para ver a telenovela do momento.

Zapatera é o teu primeiro filme finalizado, mas nom o primeiro que figeste...

Eu estou a tentar fazer filmes desde há muito tempo, e de facto as primeiras cousas que figem fórom com umha maquininha que comprara de 16 mm. e um projector. Mas, claro, umha pessoa encontra-se logo com a dificuldade dos custos do próprio filme... Realmente o vídeo dá-nos umha facilidade: democratiza bastante todo o processo de filmagem. Agora tenho imagens do Sara, de um acampamento de refugiados em Tinduf (Argélia); de Buenos Aires, que é o filme que estou a fazer agora. Também gravei na Colômbia, mas deste país só conservei as cassetes que nom me roubárom, porque a maior

parte, sobretudo as da população indígena, desapareçerom.

Podemos dizer que vais filmando e depois tentas armar algo...

No COSAL também estou a gravar as pessoas que intervemem nas conferências para fazer umha compilação de rostos, de imagens e de vozes diferentes e de diferentes partes do mundo. E de facto material tenho bastante. Ora bem, há de levar-se em conta o problema técnico. Até há três ou quatro anos eu nom tinha um computador decente para poder montar em vídeo; nem sequer tinha câmara de vídeo. E quando conseguim a câmara ainda tardei em ter um bom aparelho para editar, com o qual fum acumulando bastantes fitas às quais quero dar forma agora, e estou a tentá-lo desde há uns aninhos.

DE BASE

Centro social 'A Fouce'

“Queremos abrir um espaço para quem nom tem voz”

ANTOM SANTOS / Três anos de dinâmica associativa no Vale da Amaía e mais um passo para a frente na consolidação do projecto. A Fouce de Ouro, que nascera em 2004 como ferramenta “para a defesa da língua, a cultura e os valores dissidentes”, conseguiu já um espaço físico para realizar as suas actividades. O centro social que vai abrir em Bertamirás soma-se à dúzia de projectos semelhantes que actuam noutras comarcas da Galiza. Falamos com Pedro, Hadrián, Manolo e Carme, que representam as três gerações de activistas que convivem n'A Fouce.

O grupo que conforma *A Fouce* tem umha característica especial que nom partilham outros projectos semelhantes no País: nele convivem três gerações diferenciadas. Desde a sua fundação em Abril de 2004 tem juntado à sua volta o grupo mais crítico e activo de Ames e Briom. Comenta-nos um dos seus membros fundadores que “nos inícios apostamos na recuperação das festas populares, como o Magusto ou o Sam Joám; agora precisamente pensamos em recuperar umha velha tradição que já estão a activar em Róis. É umha festa com fuchos que se chama ‘alumar o pam’, na qual se festejavam as colheitas de Primavera”. A associação tem trabalhado outros campos, organizando festas com dj's a micro aberto, comparsas de Entruido denunciando a especulação ou maratonas de futebol polas seleções nacionais. Também abrírom um blogue, inserido na página da AGAL, que dá cumprida conta das suas actividades.

Com a abertura do local começa umha nova época em que se apresenta o repto da consolidação. “Custa manter um centro social aberto – diz-nos – num concelho pequeno como este, com grande peso do mundo rural”. Por isso

desenham um ambicioso plano de actividades que sirva para oferecer mais algo do que o simples balcom de um bar: terão Internet de graça para a vizinhança, biblioteca e mediateca, e suportes de todo o tipo para a realização de cursos de formação, de informática a galego-português.

Comentam-nos que “o fundamental é que o centro social sirva para dar resposta a algumha das grandes problemáticas dos nossos concelhos. Por exemplo, a espanholização da mocidade por influxo da nova população que vem das cidades ou a censura municipal: na biblioteca de Bertamirás retirárom reiteradamente publicações independentistas por nom serem do seu agrado, e já está na hora de que existam espaços para as pessoas que nom tenhem voz”. Som especialmente críticos com a gestom das câmaras municipais, ainda diferenciando Briom e Ames: “de Briom só recebemos o silêncio por resposta. Nunca se dignárom a responder as nossas moções”. Quanto a Ames, a realidade é um bocado diferente: “tenhem umha política de apoio à língua, mas falta-lhes agressividade e envolvimento da gente nova”.

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

Porque dim vagina se querem dizer cona?

BEATRIZ SANTOS

Nom há muito passou polo País a obra de teatro *Os Monólogos da Vagina*, inspirada numha ideia original de Eve Ensler. O que ali se mostrou é um exemplo mais da má-educacão sexual dominante que nos impom o modelo genitália, modelo doutrinador, mas nom educador.

A vagina nom é a cona.

Cona (relacionado com o latim *conus*) fai referencia à forma cônica dos chamados genitais externos femininos. A cona som: o monte de Vénus, os lábios maiores e menores, o clitoris, a entrada da uretra (conduz ao aparelho urinário) e a entrada da vagina

(conduz ao aparelho reprodutor-gerador).

A vagina (lat. *vagina*) remete-nos à bainha (guardadora de frutos), à matriz, fai antes portanto referencia ao interno e nom ao externo.

Os genitais (lat. *genitalis*, que provém do verbo *gignere*, engendrar) aludem o aparelho reprodutor-gerador; segundo a fisiologia ao uso dividem-se em externos (cona) e internos (reprodutor).

Mas, fam parte os genitais externos do aparelho gerador? E do urinário? Porque tradicionalmente se incluem no primeiro e nom no segundo? Onde começam e onde

acabam os genitais (gerador) femininos? De que nos quer doutrinar o modelo genitália de educaçom sexual e a anatomofisiologia convencional?

Entendo que, na obra *Os Monólogos da Vagina*, quando se di vagina, nalguns casos quer-se dizer cona. Ainda que onde se di monólogos da vagina nom se refiram aos monólogos da cona, mas do sexo, feminino claro. E continuamos a ser ‘mal-educadas’ e a escapar às palavras e à sua transparência.

“Passei o campo da Ínsua, passei-o de madrugada, topei um anel de ouro numha maçá colorada”.

ARROZ COM CHÍCHAROS

Croquetes de milha (Hushpuppies. Típica dos EUA)

MIGUEL BURROS
Ingredientes (4 pessoas):
140 g de farinha milha
105 g de farinha triga
1 cc de Royal
1 cc de bicarbonato
1 cc de sal
4 cc de cebola
6 cs de milho em graos

295 ml. de leite coalhado ou iogurte
*cc: colher de chá *cs: colher de sopa
Misturam-se os ingredientes secos e a continuacão adiciona-se o resto, misturando bem. Fam-se bolas e fritam-se a 180º em abundante azeite até que douram.

DESPORTOS

Taça Gallaecia e Taça Junta da Galiza: iniciativas para fortalecer a identidade do futebol

PROTAGONIZADAS PELOS PRINCIPAIS CLUBES E SELECÇÕES SUB-18 DE CIDADES GALEGAS E DOS DISTRITOS DO NORTE PORTUGUÊS

A Direcção Geral para o Desporto, da qual é titular o nacionalista Santiago Domingues, continua a impulsionar iniciativas orientadas a fortalecer o futebol galego. Após o grande sucesso no

debute da selecção nacional em Dezembro e do anúncio de criação de novas selecções noutras modalidades desportivas, agora preparam-se duas taças de futebol. Por enquanto, para os

sectores mobilizados em prol das equipas desportivas galegas, está na hora de começar a dar passos para a reclamação da oficialidade destas selecções nacionais.

XAVIER PAÇOS / Em finais de Março apresentou-se em Compostela a que será a primeira edição da Taça Gallaecia. O torneio está organizado pela Fundação Compostela-Desporto e apoiado pela Federação Galega de Futebol, a Direcção Geral para o Desporto e as Federações Regionais de Futebol dos distritos de Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Braga e Porto. A competição desenvolverá-se entre o dia 26 de Maio e o dia 27 de Agosto e será disputada por doze selecções de categoria sub-18 de ambas as beiras do Minho: sete representando as cidades galegas e cinco os distritos do norte de Portugal. Em primeiro lugar, a iniciativa tem uma leitura enormemente positiva, já que contribuirá a reforçar os laços com o país vizinho.

Neste sentido, o presidente da Federação Galega de Futebol manifestou que "hoje é um dia histórico para a união destes povos" e o representante da Associação de Futebol de Braga, Carlos Coutada, assegurou que "o nascimento deste torneio vai fortalecer os laços históricos entre a Galiza e Portugal". Para além disso, o facto de que futebolistas que se acham em degraus prévios para começar a contar para as primeiras equipas galegas, podam jogar numa competição destas características será um elemento de motivação para as abandonadas 'canteiras' do futebol galego.

Por sua vez, a Taça Junta da Galiza permite também fazer uma leitura positiva nem isenta de aspectos criticáveis. Como aconteceu com a atitude timorata do Governo galego na hora de denominar a selecção nacional de futebol com o nome de



Umha competição destas características será um elemento de motivação para as 'canteiras' do futebol galego

'selección galega', em lugar de empregar o nome do país, a Direcção Geral para o Desporto optou nesta ocasião pela denominação oficial da instituição galega ('Copa Xunta de Galicia'). Que lhes custaria chamar as cousas pelo seu nome? Por acaso o nome do País não contribuiria muito melhor para a identificação e valorização do torneio por parte de adeptos e equipas? Alguém imagina que a Copa Catalunya se denominasse 'Copa Generalitat'? A denominação Taça da Galiza permitiria manter um elo histórico com o antigo campeonato galego das décadas de dez e vinte.

Naquela altura, as equipas galegas (daquela já destacavam o Desportivo da Corunha e os clubes vigueses Fortuna e Sporting de Vigo, e a partir de 1923 o Celta) partiam a cabeça pela supremacia do futebol galego, anos antes do início da pri-

meira liga estatal em 1929. Para além desta questão nominalista, o formato do torneio semelha muito atraente: oito equipas distribuídas em dois grupos

Os quartos jogarão-se numa 'liguinha' de quatro equipas confrontadas entre si num jogo único a disputar na casa da equipa de inferior categoria. As meias-finais e a final disputar-se-ão em Riaçor e Balaidos. No grupo Norte ficam enquadrados Desportivo, Racing de Ferrol, Negreira e Lugo; no Sul, Celta, Ponte Vedra, Ourense e Celta B. Para as equipas pequenas o torneio é uma magnífica oportunidade para concorrerem realmente por um título com o Celta e o Desportivo, a priori favoritos.

Fica por ver o interesse que as duas grandes equipas do País tenham numa competição que se jogará após a finalização da liga

Siareir@s: "Este campeonato deve converter-se numa prova mais da vontade do desporto galego de participar com as nossas equipas em competições internacionais"

estatal, com os jogadores a pensar já nas férias. As torcidas do Desportivo e do Celta deveriam fazer ver às suas equipas a importância de serem "campeãs da Galiza". O torneio permitirá também pôr a prova a solidez das relações entre as diferentes claques de siareiros e siareiras mobilizadas conjuntamente à volta da Selecção nacional de futebol.

A criação desta selecção e da claque Siareir@s Galeg@s quase que eliminou quaisquer possibilidades de confrontos entre claques e marginalizou definitivamente os cada vez mais reduzidos elementos 'bairristas'. O impulsionamento da Taça Junta da Galiza e da Taça Gallaecia é considerada por Siareir@s Galeg@s como um avanço para a consolidação do futebol galego e um passo adiante no caminho da reivindicação da oficialidade: "Em Siareir@s Galeg@s, não podemos senão congratular-nos por ter sido posto em andamento este campeonato, que deve converter-se numa prova mais da vontade do desporto galego de participar com as nossas equipas em competições internacionais, junto com outras nações e estados, aderindo aos desejos de um próximo jogo da nossa equipa nacional de futebol contra a selecção lusa".

Porém, parece que a Direcção Geral para o Desporto optou por trabalhar pelas selecções desportivas galegas dando-lhes um perfil baixo, e adiando a reivindicação da oficialidade para mais adiante, quer por acharem que a oficialidade é uma linha a não ultrapassar pelo momento quer por preferirem dar pequenos passos e fazer todo o percurso aguardando a consolidação das primeiras iniciativas.

Embora
Tras San Fiz de Solovio, 2
15704 Compostela
emboracafe@mixmail.com
GZ
Cafe

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

Roupa e complementos
ABANADO
Rua cervantes 19 vigo

Rúa Nova
n
CAFETERIA
RESTAURANTE
Rúa Nova, 36 - Santiago de Compostela
Tlno.: 981 546 929
Tlno./Fax: 981 571 273

local social
baiuca vermelha
Ponte Areas - Galiza
Rua Redondela nº 11 rés-do-chão



JOSE GRAJAL | PROJECTO GLOBAL |

“Normalizamos o facto de sermos galegos”

IVÁN LEIS/ Camisolas 'com retranca' ou que convidam à reflexom política, bagagens alternativas da Selecçom Galega, roupa 'urbana e underground' com a marca GZ... som propostas que superam a concepçom de Projecto Global (PG) como mais outra empresa têxtil do País. A sua aposta na qualidade, o desenho rompedor e o contacto directo através da Internet explicam que em pouco tempo tenham chegado nom só a toda a Galiza mas também ao País Basco, à Catalunha, Roma ou Berlim. Mantivemos um encontro com José Grajal, responsável pola empresa, no seu centro de operaçom do Porriño.

- Como surgiu PG?

- Há 10 anos fundamos Sons de Luita, umha discográfica e promotora de concertos. Um dos trabalhos que fazíamos era merchandising para grupos como Habeas Corpus, Fermín Muguruza ou Inadaptats. Ao cabo de certo tempo vimos que a roupa saía muito bem e fomos por aí. Primeiro centramos-nos em camisolas de tipo político. A primeira coleção funcionou sobretudo em festivais e na Internet, onde damos informaçom dos concertos. Um segundo passo foi distribuir e editar a roupa de Aduaneiros sem Fronteiras e logo a da Selecçom Galega. Entretanto, abrimos a nossa primeira loja MAIX em Vigo. Proximamente haverá outra em Santiago.

- Que tipo de roupa fazedes?

- Tiramos dous catálogos por ano, o do Inverno e o do Verão. A linha mais básica é a de crítica política, mas de um ponto de vista inteligente, sem sermos panfletários. Nom queremos converter os lemas em ícones nem transformar ideias em algo meramente estético, como

aconteceu com o Che. Queremos expressar ideias políticas a provocar, a fazer pensar. Por outro lado levamos à roupa os desenhos de Aduaneiros sem Fronteiras, dentro desse estilo de camisolas 'com retranca' que também é um movimento cultural com carga ideológica, apesar de nom semelhar.

- De onde pensas que surge esta paixom pelas 'camisolas com retranca'?

- Na Galiza nom prendeu o fenómeno com umha empresa concreta; foi a partir de ideias pontuais que tivemos um êxito brutal, como a camisola que saiu com o lema Licor Café, o merchandising de Nunca Mais... De seguida apareceu o Rei Centolo, que foi o primeiro que fixo a sério umha coleção para as lojas, e a partir daí Aduaneiros, 11 Varas em Santiago, Nice Trips na Corunha... Agora há um boom, penso que está um pouco sobreexplorado.

- Outra linha do vosso catálogo é a da Selecçom Galega...

- Com a roupa da Selecçom o que tratamos é de normalizar o facto da Galiza. Há umha camisola oficial

de futebol em que tentamos participar, mas o concurso decidiu-se por umha linha neutra. Nós apostamos em normalizar o escudo que fixo Castela e levá-lo ao máximo. É curioso o desconhecimento que existe ao redor da sereia, nos festivais e nas lojas todo o mundo pergunta que é, de onde sai... Agora temos um novo modelo de basquetebol e projectamos o de rugby.

- Em que consiste o processo desde que surge a ideia até que a camisola chega ao cliente?

- Cada ano tiramos uns 40 desenhos novos. Tentamos captar ideias de fora para além das dos nossos desenhadores, que vam variando no tempo. Nós fabricamos toda a roupa em Portugal, e estamos muito contentes, temos alternativas como a China ou o Marrocos mas nom queremos perder nem um ponto de qualidade. Portugal permite um controlo real do tecido que compramos e do que produzimos. Temos um armazém no Porriño e daqui levamos a produçom aos estabelecimentos comerciais e os pedidos pola Internet.

- Qual é o objectivo como empresa?

- A roupa fai um labor de propaganda. Mesmo marcas muito conhecidas como Nike fam camisolas políticas ("Nike Revolution"), adaptam tudo, mas esvaziam de conteúdo a mensagem. Na nossa roupa nom há marca, o que importa é a mensagem. Esperamos que se as pessoas compram estas peças é porque gos-

tam e lhes provocam algo na mente. Essa crítica captam-na logo também amigos, vizinhos e a cousa vai crescendo. Nós temos modelos que sabemos que nom vam funcionar comercialmente, mas som ideias bestiais e só por expô-las criam umha reacçom.

- Até agora, estades contentes com os resultados?

- A experiência é muito positiva, antes pola repercussom que chegamos a ter do que polo aspecto económico. Começamos distribuindo estas camisolas no nosso ambiente, e foi umha alegria ver como há muita mais gente interessada. Nas lojas entra gente de todo o tipo, de todas as idades, sobretudo mocidade, mas também gente menos nova que pede o modelo 'Ga-lego' ou espanhol-falantes que querem peças de roupa da Selecçom. Isto reflecte que houve umha mudança na forma de pensar. E creio que cada vez estão mais orgulhosos de levá-las, sem complexos de nenhum tipo.

- Que projectos tendes para o futuro?

- Tirar umha nova linha dentro do nosso estilo urbano e underground. Também tentamos chegar a outros países, à parte da Internet. Já temos um acordo para distribuirmos, desde este Verão, em Itália e na Alemanha. Levamos roupa de PG a estabelecimentos em Berlim e Roma e a resposta foi muito boa, para a nossa surpresa.

Confessom dos pecados

XAN CARLOS ÁNSIA

É tempo de catolicismos. A primeira Semana Santa do bipartido. De momento, também som feriados a quinta e a sexta feira. Supom-se que temos que comemorar, ou algo assim, a derradeira ceia, a paixom e a morte de Jesus, a traiçom de Judas, que agora parece que nom foi TAM mau como no-lo pintaram, e participar em via-crúcis, procissom e vigílias várias. O do jejum e a abstinência vai ser cousa de dá-la por suposta. O de lavar os pés aos discípulos, está mui longe de que o podamos ver fazer a Tourinho ou a Quintana. Vivem num endeusamento que os impede de ter actos de amor fraterno.

Enquanto as sondagens cozinhadas por Antón Losada nom os baixe do limbo, ali continuarão cada vez mais à deriva eleitoral.

Já som muitos os pecados veniais nos meses de exercício dos cargos públicos: contrataçom de filhas, de personalidades afins, para assessorar em gabinetes da Junta. Ir em veículo oficial jogar umha 'pachanga' de homens da Conselharía da Cultura contra mulheres e homens da Vice-Presidência, com transporte incluído a hotel de cinco estrelas para continuar com o 'terceiro tempo'. Nomear como directivos autonómicos um primo e um cunhado. Manter nos mesmos postos de altos cargos destacados panegiristas de Fraga. Algumha chefe de gabinete, que o foi com o governo do PP, foi ratificada também para assessorar o Quintana, fica claro que aplicando isso de todos somos iguais e que mais dá Xam que Perilhám. Também há pecados mortais. Alguns dos cometidos com pleno conhecimento do mal que se fai, podem ser: fazer turismo gastronómico pagado com orçamentos de imprevistos, aumentar em 10% o próprio salário, criar comissom mistas de normalizaçom linguística para colocar quatro especialistas a cobrar sete quilos dos de antes, privatizar os serviços sociais, dando-os às caixas de poupança, olhar para outro lado em Reganosa, fazer-se os remodelons com Celuloses e continuar a botar o Luar em faixa horária de máxima audiência. Deus nos pille confessados, aos ateus.